

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

MATEUS VIRISSIMO DE OLIVEIRA

**A DESSACRALIZAÇÃO E A FUGA DA BELEZA NA PÓS-MODERNIDADE SEGUNDO
ROGER SCRUTON**

CAMPINAS

2023

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA
MATEUS VIRISSIMO DE OLIVEIRA**

**A DESSACRALIZAÇÃO E A FUGA DA BELEZA NA PÓS-MODERNIDADE SEGUNDO
ROGER SCRUTON**

Trabalho de Conclusão de Curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia II, sob orientação do Prof. Me. Marcos José Alves Lisboa.

CAMPINAS

2023

Ficha catalográfica elaborada por Adriane Elane Borges de Carvalho CRB 8/9313
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI - PUC-Campinas

140 O48d	<p>Oliveira, Mateus Virissimo de</p> <p>A dessacralização e a fuga da beleza na pós-modernidade segundo Roger Scruton / Mateus Virissimo de Oliveira. - Campinas: PUC-Campinas, 2023.</p> <p>51 f.</p> <p>Orientador: Marcos José Alves Lisboa.</p> <p>TCC (Bacharelado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2023.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Filosofia. 2. Beleza - Dessacralização. 3. Roger Scruton. I. Lisboa, Marcos José Alves. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Faculdade de Filosofia. III. Título.</p> <p>23. ed. CDD 140</p>
-------------	---

MATEUS VIRISSIMO DE OLIVEIRA

**A DESSACRALIZAÇÃO E A FUGA DA BELEZA NA PÓS-MODERNIDADE SEGUNDO
ROGER SCRUTON**

Trabalho de Conclusão de Curso de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para aprovação na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso em Filosofia II, sob orientação do Prof. Me. Marcos José Alves Lisboa.

Trabalho avaliado e aprovado pelo professor Responsável em ____/____/____

Considerações

Prof. Me. Marcos José Alves Lisboa
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Ao Criador de toda beleza, Esplendor dos santos e anjos, o Sublimíssimo, a Suma Eloquência, Suma Beleza e Doador da existência à bela criação; À *Tota Pulchra*, a toda formosa Virgem Maria; aos meus pais e amigos.

AGRADECIMENTO

Agradeço a aquele que me permitiu contemplar a beleza sublime da vida, criador dos meus sentidos, capacidade contemplativa e intelectual, Deus Pai Todo Poderoso, Deus Sabaoth e Senhor dos Exércitos, o poder que possui a beleza de vossa criação sobre mim é o motor que me leva adiante.

Agradeço ao belíssimo esposo, meu amado que se distingue de milhares em sua beleza (Ct 5, 10) e redentor, Jesus Cristo, que me olha com o olhar compassivo e misericordioso do *Pastor Bonus* – Bom Pastor - (Jo 10, 14) de minha alma que veio me apascentando de modo que meus méritos não fariam por si.

Agradeço ao Divino Espírito Santo, que ao tocar nas almas é capaz de produzir a beleza divina em nossos corações e o encantamento para com as coisas de Deus como lhe é próprio, produzindo um amor ardente de fogo por toda beleza presente. Por me inspirar na idealização, elaboração e produção deste trabalho do início ao fim.

Agradeço à minha mãe do céu, a *tota pulchra sine labe originalis concepta, quia macula originalis non est in te* – toda formosa, sem mancha concebida, pois o pecado original não está em ti - a quem consagrei esta obra desde o primeiro momento. Este trabalho é fruto vosso de persistência e amor em mim.

Ao meu fiel santo Anjo da Guarda, contemplador das maravilhas celestes de Deus, que tantas vezes pedi intervenção a cada escrita desta obra, estivestes fiel ao meu lado e eis aqui a prova concreta desta sua presença.

Agradeço à Arquidiocese de Campinas pela confiança na minha vocação na pessoa do meu reitor padre Odair Costa Nogueira, agradeço a todo o direcionamento paternal/maternal que do senhor tenho recebido. Agradeço, na pessoa do Pe. Luan Flávio de Oliveira, à confiança nos meus cuidados pastorais na paróquia São Miguel onde muito aprendo, agradeço todo o direcionamento e bons frutos deste ano.

Agradeço à Pontifícia Universidade Católica de Campinas, pela formação e empenho prestado a mim, a todo o corpo docente da faculdade de filosofia, de que muito especialmente usufrui, em especial ao Prof. Me. Marcos José Alves Lisboa pela orientação oferecida a mim, por todo o cuidado, zelo e dedicação com as minhas demandas na árdua, porém satisfatória, confecção deste trabalho. Um agradecimento especial aos professores Dr. Luis Gabriel Provinciatto e Dr.

Marco Antônio Chabbouh, dos dois pude receber o testemunho de amor à filosofia, direcionamentos pessoais e amizade.

Agradeço à minha família, donde recebi minha formação Inicial intelectual/religiosa/humana mais primordial na pessoa de meu pai Ezenildo Virissimo de Oliveira, descanse em paz, meu irmão Murilo Verissimo de Oliveira, ao segundo pai que Deus me deu João Fernandes da Costa e destaco a minha mãe Valdenice Maria Moreira Oliveira, modelo de vida cristã, de amor maternal, doçura e determinação na provação.

Agradeço aos dons da vida de tantas pessoas que são um motor de incentivo e animo em minha vida e vocação, à minha fiel amiga Bruna Tays da Fonseca Consul, de quem pude ser erguido muitas vezes que estava caído, a Gabriel Luis Pereira, meu irmão de seminário até aqui, Vitor Souza Ribeiro, William Souza Menezes, Danilo Nunciaroni, Shaiane de Carvalho Moreira, Edilson Novais de Oliveira e sua família, Edson Novais de Oliveira e sua família, Sidnei Alves Moreira e sua família, e na pessoa deles tantos outros, seminaristas, amigos e familiares, Deus lhes pague!

“A beleza salvará o mundo”

Fiodor Dostoievsky

RESUMO

A presente monografia buscará reafirmar a importância da beleza para a sociedade contemporânea a partir do filósofo britânico Sir Roger Scruton (1944 – 2020), pensador de um corpo filosófico profundamente denso em estética, política, religião, ética etc. A obra que norteia este trabalho é *Beleza*, onde analisa a posição e os diversos aspectos da beleza no mundo, a estabelecendo como o grande paradigma da realidade, um princípio verdadeiro ladeado pelo bem e pela verdade. O objetivo deste trabalho é aprofundar o pensamento estético de um autor tão desconhecido no Brasil, apesar de muito influente em seu país, e em considerando a carência de beleza na sociedade do nosso tempo, a levar como antídoto para os povos e fazer da beleza o valor norteador das consciências, como algo maior que uma simples categoria filosófica, mas um princípio que importa.

Palavras-chave: Beleza, Roger Scruton, Fuga, Dessacralização, Pós-modernidade.

ABSTRACT

This present monograph will seek to reaffirm the importance of beauty for contemporary society through the British philosopher Sir Roger Scruton (1944 – 2020), a thinker with a profoundly rich philosophical body of work encompassing aesthetics, politics, religion, ethics, and more. The work guiding this study is 'Beauty,' where Scruton analyzes the position and various aspects of beauty in the world, establishing it as the great paradigm of reality, a true principle flanked by goodness and truth. The aim of this work is to delve deeper into the aesthetic thought of an author relatively unknown in Brazil, despite being highly influential in his own country. Considering the lack of beauty in our society today, the goal is to take it as an antidote for the people and to make beauty the guiding value of consciousness, something greater than a mere philosophical category, but a principle that truly matters.

Keyword: Beauty, Roger Scruton, Escape, Flight, Desecration, Post-modernity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. A COMPREENSÃO DE BELEZA PARA ROGER SCRUTON	14
1.1. A Beleza Humana	14
1.2. A Beleza Natural	17
1.3. A Beleza Cotidiana	19
1.4. A Beleza Artística	21
1.5. A Música	24
1.6. Objetividade e Gosto	24
1.7. O Desejo de Conservar	25
2. O ESTADO DA BELEZA NA PÓS-MODERNIDADE	27
2.1. A Beleza Como Manifestação da Ideia	27
2.2. A Anulação da Beleza Pelo Feio	29
2.3. A Influência Marxista	31
2.4. A Relativização dos Critérios.....	33
2.5. A Vivência Religiosa.....	34
2.6. O Problema da Arte Pós-moderna	35
3. A DESSACRALIZAÇÃO E A FUGA DA BELEZA	37
3.1. O Sagrado	37
3.2. A Dessacralização da Beleza	39
3.3. A Fuga da Beleza	42
3.4. A “Via Pulchritudinis”	45
3.5. “A Beleza Salvará o Mundo”	46
CONCLUSÃO.....	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	50

INTRODUÇÃO

Scruton, inicia seu documentário *Why Beauty Matter*¹ com as seguintes palavras:

Quero persuadi-los de que a beleza importa, que não é apenas algo subjetivo, mas uma necessidade universal do ser-humano. Se ignorarmos essa necessidade, nos encontramos num deserto espiritual. Quero mostrar que a rota de fuga desse deserto é um caminho que nos leva de volta ao lar²

A arte pós-moderna é marcada sobretudo pela disrupção e rejeição à tradição estética, e firmada não na beleza, mas na ideia, na expressão conceitual, como declara Hegel: “A Beleza [...] se define como a manifestação sensível da ideia” (1944 apud Suassuna, 1979, p. 83). Estes dois fatores, isto é, tanto a forte onda disruptiva e a maximização da ideia em detrimento da beleza é o princípio basilar estético, é contra esta expressão filosófica que Roger Scruton está lutando.

A discussão estética a respeito do conceito de belo, o vislumbre das formas estéticas, do encantamento do mundo e do sentido da beleza na vida dos indivíduos é vivo na história da filosofia, de Platão ao mundo contemporâneo. A beleza é uma questão profundamente atual, porém ao mesmo tempo abandonada pelo contexto moderno, quer pelo advento da utilidade sobre o belo, quer pelo advento do conceito em detrimento da beleza presente na arte pós-moderna. (Arielo, 2019)

“Sem dúvida seria falha uma obra de arte que se preocupasse mais em transmitir uma mensagem que em deleitar seu público.” (Scruton, 2015a, p. 95). Roger Scruton reage ao fato de a arte estar sendo utilizada para uma utilidade específica que não ela mesma, que não a finalidade derradeira da qual ela é serva: a própria beleza e o deleitamento de quem vê, a arte que se afasta da beleza está perdida em outras finalidades e trabalha em prol de outros fins que não ela mesma, trabalha como instrumento ideológico.

Deste afastamento do seu fim resulta a arte pós-moderna, uma arte do ‘brega’, uma arte de cunho conceitual que produz o brega (Arielo, 2019). O brega é o fruto da tentativa de se produzir uma arte sem um fim na beleza, mas na utilidade. Neste sentido, a arte pós-moderna separa o conteúdo da sua forma, e passa a produzir o feio, o kitsch. “É deste modo que a arte moderna renega a beleza e passa a produzir arte conceitual e ‘brega’” (ARIELO, 2019, p. 19).

¹ “Porque a Beleza importa

² Trecho retirado do documentário entre 3:29 – 3:49

A arte pós-moderna é uma arte que dessacraliza, no sentido de retirar o caráter de honraria, o caráter honorífico, separado dos demais, distinto do restante, que há na arte, e coloca no lugar o profano em detrimento da beleza. Deste modo, a estética pós-moderna é, por consequência, uma arte que se põe em fuga, em fuga da beleza, e em fugindo procura abrigo em outros conceitos e princípios que a norteará, por um lado busca refúgio nas promoções político-sociais, na militância ideológica, por outro nas categorias disruptivas em relação à beleza, como o feio, o horrendo, o escárnio, o medonho etc.

Não é, no entanto, que Scruton rejeite qualquer produção artística moderna, que simplesmente rejeite a arte conceitual, ou até mesmo o feio, mas o centro da crítica de Scruton é a utilização desta arte no mundo, a que fim esta arte se presta e quais os frutos que esta arte deixa no profundo da alma humana? Quais ou resquícios de referências imagéticas elas produzem no homem contemporâneo.

Considerando a carência do belo na vida do homem contemporâneo, considerando o desconhecimento de um autor de tamanha erudição, se buscará aprofundar a visão estética de Roger Scruton no primeiro capítulo para dar o embasamento e introduzir aos seus conceitos, no segundo capítulo será abordado o estado conceitual e artístico da beleza na pós-modernidade, no terceiro o próprio estado de dessacralização e de fuga da beleza e o antídoto a fim de encontrar um caminho de renovação para o espírito do ser-humano no encontro e encantamento com o belo.

A obra de Scruton pretende reestabelecer realmente a beleza como um fundamento objetivo da realidade, uma categoria que se fundamenta no deleite de quem vê, e a necessidade ontológica do ser-humano pelo encantamento do belo. Desta forma, voltar à beleza é tão somente a posição de regredir ao lar, ao mais primordial e essencial descanso do lar, o natural da vida, não uma tentativa artificial fracassada.

No primeiro capítulo será abordado a compreensão de beleza para Roger Scruton, a fim de poder localizá-lo bem em seu pensamento estético, através da beleza humana, a beleza natural, a beleza Cotidiana, a beleza artística, a Música, o tema da objetividade e do gosto, e o espírito conservador da obra de Sir Roger em: o desejo de conservar.

No segundo capítulo, o estado da beleza na pós-modernidade e a análise de Roger Scruton a respeito da perda de certos valores como o da beleza em detrimento do feio e do conceito/ideia, a influência marxista na estética pós-moderna, a relativização dos critérios estéticos a fim de

permitir uma arte desvinculada do belo, a vivência religiosa e por fim o grande problema da arte pós-moderna, que a desvinculação da tradição.

E por fim, o terceiro capítulo abordará dois conceitos principais para a filosofia estética de Scruton, a fuga e a dessacralização da beleza na pós-modernidade, seus raízes, motivações e embasamento filosófico. Ainda a apresentação da “via pulchritudinis”, que é um caminho católico de evangelização pela beleza e uma resposta a como a beleza pode salvar.

1. A COMPREENSÃO DE BELEZA PARA ROGER SCRUTON

O objetivo deste capítulo é apresentar uma visão geral da filosofia estética de Roger Scruton, uma produção acadêmica de uma vida nos estudos de estética e à admiração da beleza como um princípio universal da realidade.

“[...] qual tipo de beleza o filósofo se refere ao propor suas reflexões? Scruton traça inúmeros caminhos para a percepção as coisas belas: a arte, a arquitetura, a música, a literatura, o rosto humano, o mundo natural, coisas sagradas, Deus...” (Arielo, 2019, p. 29). Em poucas palavras, assim, a obra de Scruton se baseia sobretudo no eixo do conceito de beleza, na certeza de que de fato se trata de princípio estético que não pode ser ignorado.

E é esta ainda a qualidade da beleza de Roger Scruton, uma beleza em todas as suas possibilidades e aspectos, com a amplidão que o termo implica, que não pode ser reduzir a um axioma simples. Em “Beleza”, a obra mais consagrada de Roger Scruton, o autor desenvolve um panorama da sua filosofia estética ao comentar diversos temas, este livro compõe um bom princípio para se iniciar os estudos na reflexão estética do filósofo, e será, neste capítulo, grande norte para o primeiro capítulo deste trabalho.

1.1. A Beleza Humana

A fim de alcançar a conceituação da beleza humana, Roger Scruton, busca partir da compreensão do desejo, aspecto fundamental do traço da beleza humana, pelo simples fato de que o ser-humano deseja o outro para si como um instinto dos mais primitivos. Para tanto se utilizará da filosofia platônica como base para sua explanação.

Platão utilizou o conceito de *Ἔρως*³ para se referir ao desejo, que é também o próprio amor, era o impulso cósmico, muito diferente da categoria moderna de desejo. Neste sentido, o belo se relaciona, em “Fedro” e em “Banquete”, com o conceito de desejo na medida em que a pessoa se atrai por outra estimulada pela beleza ao desejo. Esse desejo, porém, é visto como um erro em Platão, muito embora o seja é ainda um erro que se nos aproxima de nós e do cosmos. (Scruton, 2015a, p. 48).

³ *Ἔρως* é o amor na língua grega no seu sentido mais sexual, que se articula com outras duas palavras *γάπη*, que se configura como um amor divino sacrificial, e *φιλία* como um amor fraterno, de amizade.

“Na esfera da arte, a beleza é objeto de contemplação, não de desejo. Apreciar a beleza de uma pintura ou de uma sinfonia não é o mesmo que se sentir tentado a uma atitude concupiscente;” (Scruton, 2015a, p. 49). Ou seja, percebemos que o impulso inicial para a contemplação no âmbito da beleza humana é diferente do impulso para a beleza artística, pois a beleza humana evoca desejo.

A resolução dada por Platão a esta questão é que “...o desejo suscitado pela visão da beleza humana é uma espécie de equívoco, tendendo a ser a atitude contemplativa, em todas as suas formas, a nossa real postura diante dela.” (Scruton, 2015a, p. 49). Isto é, a resolução se encontra na postura contemplativa, não no possuir o objeto desejado como o centro, mas partindo da contemplação. *Ἔρως* é “a origem tanto do desejo sexual quanto do amor pela beleza. Eros é uma espécie de amor que busca unir-se a seu objeto e copiá-lo” (Scruton, 2015a, p. 49). Ao copiar o objeto que se deseja ele o está contemplando, assim como “no caso dos homens e das mulheres, que fazem cópias de si mesmos por meio da reprodução sexual” (Scruton, 2015a, p. 49).

No ato da contemplação da beleza “a alma emerge de seu mergulho nas coisas meramente sensuais e concretas e ascende a uma esfera superior em que não é o homem belo o que é estudado, mas a forma da beleza propriamente dita” (Scruton, 2015a, p. 49). Esse processo gera uma reprodução do objeto contemplado dentro da alma de quem o contempla, e este processo se apresenta com a forma mais superior de reprodução (Scruton, 2015a, p. 50). O tema da contemplação permeia toda a obra de Scruton, sempre dando novos sentidos para os conceitos a partir da chave de leitura da beleza. Para Platão amar a beleza instiga o homem a abandonar o apego sensitivo, e almejar a ascensão ao mundo das ideias, às formas perfeitas e assim tomar parte na versão superior de reprodução.

Após a elocubração do argumento Scruton termina por emitir uma crítica dura a essa visão, demonstrando assim sua aderência parcial a Platão: “No entanto, basta uma dose normal de ceticismo para que tenhamos a impressão de que há mais otimismo que verdade na visão platônica.” (Scruton, 2015, p. 51), pelo fato de um ente ideal não poder saciar imediatamente um desejo do corpo: “é o mesmo que afirmar que a vontade de comer um bife poderia ser satisfeita (após um pouco de aplicação mental) pela foto de uma vaca.” (Scruton, 2015a, p.51).

Ao observar um idoso com rugas e uma moça percebemos em ambos que há algo belo, mas ambos os juízos diferem entre si, a jovem é desejada por sua beleza, o idoso é belo por sua expressão sábia e acolhedora. No caso da moça desejada por um jovem o ato sexual é consumação desse desejo, (Scruton, 2015a, p. 51) “[...] muito embora não devamos achar que esse é

necessariamente o objetivo almejado ou que ele dá termo à vontade, ao contrário do copo d'água que decreta o fim do anseio por ela.” (Scruton, 2015a, p. 51).

O rosto idoso não evoca desejo de ser possuído, não o produz em quem vê a atração para o ter, mas é, no entanto, repleto de significado para quem vê, encontramos algo que procuramos naquele rosto, e alcançamos satisfação nessa contemplação (Scruton, 2015a, p. 51). Esta é uma verdade já expressa nas escrituras no livro de provérbios: “A força é o ornato dos jovens; o ornamento dos anciãos são os cabelos brancos” (Prov. 20, 29). E neste momento identificamos um aspecto mais profundo da beleza, que não se limita a forma perfeita, mas onde, apesar da imperfeição da forma, se apresenta uma beleza moral mais verdadeira.

O desejo sexual é sempre individual, não se deseja um genérico da espécie, mas aquele indivíduo da espécie, uma coisa é desejar um copo de água, mas qualquer outro copo o satisfaz, não se dá assim com a beleza humana (Scruton, 2015a, p. 52). O sexo para Scruton não é encarado como um tabu social, ou de forma puritana, mas como um aspecto natural e profundo da vida humana, como veremos adiante.

Scruton não se limita a ser um filósofo de contemplação das formas perfeitas em um mundo superior (hiper urânio) esquecendo-se assim da materialidade da realidade aos moldes platônicos de ser, mas também é capaz de contemplar e elevar aquilo que conceitua como “corporificação”, que é o corpo do ser-humano, não sendo passível de ser utilizado, objetificado.

“Além disso, a beleza humana pertence à nossa corporificação, e por isso a arte que “objetifica” o corpo e o retira da esfera das relações morais nunca consegue capturar a verdadeira beleza da forma humana.” (Scruton, 2015a, p.176). Para Scruton o belo se articula, ao molde estético medieval, com o “*bonum, verum, pulchrum*”, isto é, com uma verdade e com uma moral (*bonum*), e neste sentido não deve se limitar a ser apenas uma bela apreciação estética/artística, mas também algo que seja alinhado com a moral, chegando assim à impossibilidade de articular beleza e imoralidade.

“O ataque à pornografia é o ataque ao interesse a que ela serve - o interesse em ver as pessoas reduzidas a seus corpos, objetificadas como animais, reificadas e obscenizadas.” (Scruton, 2015a, p. 176). Isto é, um corpo que seja exposto nu simplesmente a fim de produzir um gozo, deleite (um aspecto da beleza), desvinculado de uma moralidade, objetificando-o simplesmente, não é legitimamente belo, mas obsceno. A pornografia, neste sentido se configura como uma

profanação de algo sagrado: “Ao dessacralizar a beleza das pessoas, ela dessacraliza a si mesma.” (Scruton, 2015a, p. 176).

“A alma bela tem ciência do mal, mas afasta-se dele em postura de clemência - clemência para com os outros, o que também é um ato de clemência para consigo mesma.” (Scruton, 2015a, p. 58). Se tratando do ser humano, Roger Scruton não toma uma posição materialista, que simplifica e reduz a pessoa, mas a compreende também em seu aspecto mais profundo, isto é, a sua vida moral. “Ela vive sob o medo de macular sua pureza interior por meio de um envolvimento demasiadamente direto com o mundo real [...]” (Scruton, 2015a, p. 58), Scruton parte para uma visão que eleva a virtude da pureza no ser humano como sendo um dos aspectos que dá a beleza.

1.2. A Beleza Natural

A “beleza natural”, que corresponde ao capítulo terceiro da obra referência para esse trabalho. “Ao contrário da arte, a natureza não tem história, e sua beleza encontra-se à disposição de toda cultura a todo momento.” (Scruton, 2015a, p. 68). A beleza natural se posiciona como algo que é patrimônio de toda a humanidade e a disposição de todos os povos em todos os tempos.

“A avaliação das artes, porém, nada mais é do que um exercício secundário do interesse estético. O principal exercício do juízo é a apreciação da natureza. Disso cada um de nós participa igualmente...” (Scruton, 2015a, p. 68). O autor compreendeu claramente neste tópico, e noutro que virá ainda a diante (na apreciação da beleza cotidiana), que a beleza de fato está constituída no tecido da própria realidade, que a beleza é uma necessidade que está presente em tudo, inclusive naquilo que não foi posto pela mão humana, aquilo que é dado, a própria natureza. Se esta beleza está dada, logo ela também é submetida ao juízo estético.

Há na natureza um ar de sagrado, assim como há em tudo que é belo. Por isso Scruton age fortemente contra tudo que busca banalizar a beleza própria da natureza, como descreve a doutora Flávia Arielo⁴ estudiosa da obra de Sir Roger Scruton: “O erro de Durkheim, diz Sir Roger, reside

⁴ Flávia Santos Arielo é “Doutora em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica - PUC - SP, desenvolveu pesquisa acerca do conceito de beleza e sua relação com o sagrado a partir do pensamento de Roger Scruton. Defendeu mestrado pela mesma instituição, a partir da temática do problema do mal no cinema de Lars von Trier. Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Londrina (UEL) e especialização em História da Arte, pela mesma instituição. Tem experiência na área de História e História da Arte, com ênfase em Cinema e Religião. Atualmente, leciona a disciplina de Ética e Cultura Religiosa, dentre outras, no Centro Universitário

em tratar a coisa sagrada de maneira corriqueira, como parte comum da natureza. Isso, para Scruton, seria uma forma de profanação.” (Arielo, 2019, p. 94)

“As paisagens, por sua vez, estão muito longe das obras de arte: elas devem seu encanto não à simetria, à unidade e à forma, mas a uma abertura, uma magnificência e uma enorme expansividade em que somos nós o conteúdo, não elas.” (Scruton, 2015a, p. 69). Nestes termos Scruton indica que a beleza encontrada na forma da natureza é, em certa medida, caótica e incerta. O orgânico se desenvolve por fatores diversos e não está submetido ao controle do ser humano. Porém, mesmo em não sendo tocado pelo ser humano, possuindo-o como o artista desta obra ainda é possuidor de beleza intrínseca, e tendo a sua autoria em outros eixos.

Para Scruton há um impulso de ver a beleza como objeto de contemplação e isto se realiza na tentativa do ser-humano de dominar a natureza, “sua transformação num lar seguro e comum para nossa espécie e o desejo de proteger o ermo cada vez mais reduzido” (Scruton, 2015a, p. 70) novamente dando à contemplação o patamar que merece, no destaque de ser intimamente ligado com a beleza: “Na esfera da arte, a beleza é objeto de contemplação, não de desejo.” (Scruton, 2015a, p. 49)

“Existe algo de plausível na ideia de que a contemplação da natureza é algo distintivo de nossa espécie e comum a todos os seus membros, quaisquer que sejam as condições sociais e econômicas em que nascem” (Scruton, 2015a, p. 74). Scruton, desta forma, torna ontológica a categoria da natureza em nossas vidas, se estabelecendo como um ato distintamente humano encontrar a beleza da natureza.

Sir Roger identifica na beleza da natureza um efeito transformador, capaz de produzir uma profunda experiência no homem, em examinando uma forma pura da flor é tomada pelo pertencimento (Scruton, 2015a, p. 75). “Na experiência da beleza, o mundo surge diante de nós e nós, diante do mundo.” (Scruton, 2015a, p. 75) O eixo está na experiência, é o momento vivido pelo contemplador que o faz enxergar a beleza da natureza que muitas vezes não é óbvia, certa, mas que se apresenta aos olhares atentos.

Sagrado Coração (UNISAGRADO). Participa como pesquisadora do grupo de pesquisa Labô- PUC - Laboratório de Política, Comportamento e Mídia, onde desenvolve pesquisa de pós-doutorado sobre Nelson Rodrigues, sob supervisão do Prof. Dr. Luiz Felipe Pondé.”. ARIELO, Flávia Santos. Currículo do sistema currículo Lattes. [Brasília], 01 jun. 2023. Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/2858099132432899>>. Acesso em: 13 set. 2023.

“Ao mesmo tempo, a natureza é generosa; ela se contenta em significar apenas a si mesma, sem nenhum constrangimento, sem uma moldura externa, transformando-se dia após dia.” (Scruton, 2015a, p. 80) Scruton descreve o caráter fortemente livre da beleza natural, que não se limita a uma moldura que se arranja nas paredes de um museu, ora, a natureza, de fato, não se submete a nada, e em sendo livre ela se impõe sobre a realidade na transformação diária.

O conceito de sublime, adotado por Kant na *Crítica da Faculdade do Juízo*, é "aquilo em comparação com o qual tudo o mais é pequeno." (KANT, 1995, p. 96) E neste sentido Scruton compreendeu o poder contemplativo dado pela beleza natural, que se encontra no sublime que nos tira o ar, como um desfiladeiro dos alpes suíços. “A paisagem bela nos incita ao juízo de gosto, ao passo que a visão do sublime nos convida a outro tipo de julgamento, no qual medimos a nós mesmos à luz da infinidade assombrosa do mundo e tomamos ciência de nossa finitude e fragilidade.” (Scruton, 2015a, p. 82).

“...a mais bela das paisagens pode ser colocada em segundo plano por uma fábrica ou rodovia vizinha, as quais a marcam indelevelmente com o sinal da dominação humana” (Scruton, 2015a, p. 69). E em nosso tempo, apesar do potencial de poder contemplativo da beleza natural, a utilidade e o mercado se impõe sobre o belo, o que fica evidente se observarmos a selva de pedras da capital do estado de São Paulo, onde se esvaziou a busca pelo belo natural, mas um belo artificial e preenchido de minimalismos: “Existe um minimalismo [...] de início parece bem distante do heroísmo estético ilustrado pelo Êxtase de Santa Teresa, de Bernini, ou pelo Cravo Bem Temperado, de Bach.” (Scruton, 2015a, p. 19)

1.3. A Beleza Cotidiana

Scruton continua desenvolvendo seu argumento da beleza sobre o aspecto do cotidiano. “Quero persuadi-los de que a beleza importa, que não é apenas algo subjetivo, mas uma necessidade universal do ser humano”⁵. E nestes termos Scruton determina o estado da beleza em “situações cotidianas e contemporâneas de análise da beleza” (Arielo, 2019, p. 25).

⁵ SCRUTON. *Why Beauty matters* [Documentário]. Direção de Roger Scruton. Inglaterra, 2009, 59 min., colo. Son.

“E para além das coisas ordinárias e cotidianas, a beleza representa, principalmente, uma resposta para o anseio transcendental e metafísico, que lança o homem numa busca por suficiência em um mundo insuficiente.” (Arielo, 2019, p. 137). Arielo, em comentando a obra estética de Sir Roger, pode identificar a capacidade do autor de observar a realidade cotidiana com lentes mais profundas, um olhar mais profundo, que nos tira da pura forma material, física e sendo capaz de lançar o homem a um outro plano, é uma capacidade muito essencial para filosofia estética de Scruton que não se prende em si mesmo, em uma forma estética presa na contemplação da técnica rebuscada aplicada à arte, mas ao contrário na beleza da harmonia simples do cotidiano.

“Examine o que acontece quando põe a mesa para alguns convidados: você simplesmente não jogará os pratos e talheres ali de qualquer forma. Sua motivação será o desejo de que as coisas pareçam adequadas[...] nos remetem à “estética da vida cotidiana” (Scruton, 2015a, p. 94). Ao preparar uma boa mesa o homem não se atenta sobre o fato de ter ou não uma técnica artística específica senão esta: que possua harmonia e ordem, na beleza cotidiana o minimalismo se faz belo, apesar de muitas vezes não ser rico em técnica e detalhe é capaz de oferecer beleza.

“[...] descrevemos a melodia dos pássaros como se fosse música porque é assim que as ouvimos. No entanto, não há nada no comportamento do pássaro que nos leve a dizer que ele escolheu determinada nota por ser ela a sucessora adequada de outra [...]” (Scruton, 2015a, p. 95). O que nos leva a crer que esta forma de beleza cotidiana, e ao mesmo tempo uma beleza natural, não é necessariamente produzida por uma inteligência racional, mas a própria ordem e harmonia feita pela existência das coisas na sua natureza produz beleza cotidiana.

“A maioria das formas de pôr a mesa não passa de uma exploração [...]: a nada se alude de modo especial e a ordem se torna o objetivo operativo [...] antes irradia uma mensagem simples de serena sociabilidade.” (Scruton, 2015a, p. 101). A ordem se torna a tônica de uma beleza cotidiana, é um tempero para os detalhes do dia a dia, uma ordem que eleva o cotidiano ao belo.

“Você pode simplesmente desfrutar de uma aparência por aquilo mesmo que ela é. No entanto, os seres racionais sentem a necessidade inerente de interpretar, e quando o objeto de sua atenção é uma aparência eles a interpretarão como algo intrinsecamente significativo.” (Scruton, 2015a, p. 99). A beleza cotidiana e a beleza natural não são necessariamente produzidas por uma

inteligência, porém ao ser recebida por uma inteligência consciente ganha novos aspectos de significação⁶ impossíveis aos animais irracionais.

“O jarro alude a determinado modo de vida: à vida mediterrânea em que o vinho jamais falta e não se atrita com o trabalho e o lazer. É por isso que a anfitriã optou por uma jarra de cerâmica ingenuamente decorada e colocou-a no centro da mesa [...]” (Scruton, 2015a, p. 101). Há um significado no símbolo do jarro, um elemento da vida cotidiana, que alude com sua estética a um sentido mais profundo. “Essas podem não ser escolhas conscientes. A própria anfitriã está descobrindo, no seu esforço estético, o significado que deseja comunicar.” E estes elementos ainda são capazes, segundo Scruton, de elevar o mundo da compreensão humana e o autoconhecimento (2015a, p. 101). Este é o potencial expressivo presente nos símbolos estéticos da beleza cotidiana, que poderiam, erroneamente, ser interpretado como fútil, ou desprezível.

“Em suma, o que tenho descrito neste capítulo é aquela mesma “beleza mínima” pela qual os seres racionais se veem permanentemente interessados à medida que procuram encontrar ordem em seu ambiente e sentir-se à vontade em seu mundo comum.” (Scruton, 2015a, p. 105).

1.4. A Beleza Artística

Passamos agora às “formas “superiores” de beleza exemplificadas pela arte” (Scruton, 2015a, p. 105). Isto é, partimos ao último “modo da beleza”, que corresponde à beleza artística.

“Conforme salienta Scruton em seu livro *Beleza* as últimas vanguardas artísticas passaram a negar a beleza como epíteto artístico, desprezando seu valor enquanto algo transcendente e moralmente elevado.” (Arielo, 2019, p. 12). O tema mais espinhoso é sem dúvidas o tema da beleza no mundo artístico, onde o belo foi reduzido a uma categoria ultrapassada e incapaz de expressar a mente do homem moderno.

“[...] é precisamente a beleza o que nos leva a ele. A arte nos comove porque é bela, e parte de sua beleza advém do fato de ela significar algo. Ela pode ser significativa sem ser bela, mas para

⁶ "Podemos dizer que as palavras significam algo, e que o que elas significam é o seu 'significado'. [...], mas quando olhamos para o modo como pegamos e seguramos uma caneta, dizemos: como é que você quer que eu pegue o significado? A palavra não é uma ferramenta que temos nas mãos, é um produto da atividade, como a soma em aritmética. E o que chamamos de 'significado' não é uma coisa que temos, ou que possuímos, mas uma função que desempenhamos."

Para Ludwig Wittgenstein em “Investigações filosóficas” a significação não é algo tangível, mas que desempenhamos na linguagem, onde as palavras vão ganhando camadas de profundidade e significados.

ser bela precisa ser significativa.” (Scruton, 2015a, p. 127). Mesmo sendo retirada da academia, o belo na arte não abandonado por Sir Roger, no entanto a articula com a arte, porém sem eliminar as formas de arte que não se expressão como belas.

“Se tudo pode ser considerado arte, qual o propósito e o mérito de conquistar esse título?” (Scruton, 2013 apud Arielo, 2019, p. 14). A relativização da arte levou a considerar qualquer produto desenvolvido em instantes de reflexões instantâneas e pouco elaboradas em algo digno de ser exposto à apreciação de críticos de arte. A definição de arte nesse sentido, uma vez relativizada, se torna vazia, não expressa nada, e em não expressando nada não dá os critérios necessários para aquilo que é de valor maior ou menor.

“Um século atrás, Marcel Duchamp assinou ‘R. Mutt’ num urinol, intitulou-o ‘A Fonte’ e o expôs como obra de arte. Imediatamente, a piada de Duchamp precipitou uma indústria intelectual que procurou responder à pergunta: ‘O que é arte?’” (Scruton, 2015a, p. 107). Esse drama se iniciou com o famoso urinol de Duchamp, que é categorizado como piada por Scruton. Ao buscar inovar sua arte iniciou na prática uma relativização da forma bela na apreciação artística. É evidente que o ato de Duchamp não repercutiria por si mesmo se a academia de seu tempo o tivesse recebido de braços abertos, nesse sentido, já havia um clima intelectual que o aguardava. O tema será tratado com maior profundidade no capítulo segundo deste mesmo trabalho.

“Além disso, é realmente importante o tipo de arte a que você adere, aquele que você inclui em seu tesouro de símbolos e alusões que carrega em seu coração. O bom gosto é tão importante na estética quanto no humor[...]” (Scruton, 2015a, p. 109). O artístico possui profunda penetração na vida-humana, e uma vez que ocupa tal posição deve ser zeloso com o que se ingere, como em uma refeição, torna-se aquilo que comes.

“A verdadeira arte encanta a primeira [imaginação], ao passo que os efeitos instigam a segunda [fantasia]. As coisas imaginárias são ponderadas; as fantasias, desempenhadas. Tanto a fantasia como a imaginação dizem respeito a irrealidades; [...]” (Scruton, 2015a, p. 114). A arte se articula com o conceito de imaginação e fantasia, uma vez que a arte pode penetrar profundamente na alma humana. A imaginação é tocada pelo artístico através do encantamento produzido, e aqueles símbolos que marcaram a alma humana produzem frutos na fantasia da mente humana, que irá articular aqueles símbolos em algo para a vida.

“É bem verdade que a arte também pode brincar com efeitos ilusionistas, como faz Bernini ao esculpir Santa Teresa em êxtase ou Massaccio, ao retratar a Santíssima Trindade.” (Scruton,

2015a, p. 115). O artístico se utiliza dessa ilusão para demonstrar o que há de mais real no mundo, é em sendo verossímil no absurdo que demonstra os arquétipos possíveis, porém não factuais. “Também no teatro a ação não é real, mas representada; e, por mais realista que seja, ela evita (em geral) aquelas cenas que alimentam a fantasia.” (Scruton, 2015a, p. 116). Os gregos se utilizaram dessa fantasia para incutir a virtude e uma expressão religiosa na arte através do teatro, sobretudo na tragédia⁷, que segundo Aristóteles é possui um elemento de purgação, isto é, de purificação das paixões.

“Não parece insensato sugerir ser esta a definição de um dos objetivos da arte: apresentar mundos imaginários diante dos quais podemos adotar uma postura de interesse imparcial, como parte de uma atitude estética plena.” (Scruton, 2015a, p. 116). O imaginário apresentado pela arte se torna um elemento de assimilação em nossa vida, aquele mundo possível que é representado pode ser comparado ou refletido, esta é uma atitude estética plena, isto é, contemplativa/reflexiva. Como o autor afirma: “Algumas obras mudaram a forma como vemos o mundo - o Fausto de Goethe, por exemplo; [...] Para aqueles que desconhecem essas obras, o mundo é um lugar diferente, quiçá até menos interessante.” (Scruton, 2015a, p. 120). Quais efeitos produziram no homem uma arte produzida sem a referência do belo?

“O estilo permite que os artistas aludam a coisas que não expressam, que evoquem comparações que não são explícitas, que coloquem sua obra e seu tema em um contexto que torna qualquer gesto significativo[...]” (Scruton, 2015a, p. 118). A arte é dotada de estilo, por definição, uma vez que é a expressão de um autor que coloca seu modo de ser no seu produto artístico, esse estilo dá possibilidades de expressão e interpretação única incluídos nas diversas escolas de arte.

“De certa forma, declarar que essas obras são belas é reduzir, quiçá até banalizar, o que elas estão tentando dizer. Porém, se a beleza é apenas mais um entre tantos valores estéticos, por que uma teoria da arte deveria nos revelar qualquer coisa sobre ela?” (Scruton, 2015a, p. 137).

⁷ "Tragédia é uma imitação de uma ação séria e completa, que tem magnitude; em linguagem ornamentada e revestida de formas dramáticas, a respeito das ações de homens, e executada por atores, não meramente por meio de um recitar, mas por meio de uma ação que desperta a compaixão e o temor. Através da purgação dessas emoções, tal imitação produz a correspondente purgação nas almas dos espectadores." (ARISTÓTELES, *poética*)

1.5. A Música

Scruton, dentro do tema da reflexão artística, explora também a função da música da compreensão da beleza, como veremos. Scruton fora organista em sua comunidade nos cultos anglicanos, e se utiliza das referências musicais para a sua filosofia.⁸

“A música, porém, é uma arte abstrata, incapaz de exprimir pensamentos assim. Desse modo, a afirmação de que uma obra musical expressa alguma emoção se esvazia: resposta nenhuma pode ser dada à pergunta ‘Mas ela expressa o quê?’” (Scruton, 2015a, p. 129). A música é expressão sonora da própria subjetividade, e isto implica que aquilo que ela produziu, expressou e impactou dentro de quem a recebe não pode ser padronizada, uma vez que quem a recebe é outro ser cheio de subjetividade, mesmo que as tonalidades e os acordes maiores ou menores⁹ nos deem sensações distintas.

Ressaltando a maior subjetividade que é o mundo dos sentimentos, da emoção etc., uma possibilidade seria entender que “[...]a música se move como se move o coração quando movido pelo sentimento. Em outras palavras, a beleza na música não se resumiria apenas à forma: envolveria também um conteúdo emocional.” (Scruton, 2015a, p. 130). A música nesses termos é sentimentos transcorridos no tempo, na medida em que é capaz de manipular/influenciar os sentimentos de quem a contempla.

“Compreender a música não é demorar-se em devaneios autocentrados[...] Sua compreensão consiste em apreciar os vários movimentos contidos na superfície musical, [...] trabalhando para chegar a uma resolução e a um encerramento.” (Scruton, 2015a, p. 129). A contemplação da música não é, no entanto, ociosa, mas atenta nos diversos movimentos dinâmicos formados pelo compositor.

1.6. Objetividade e Gosto

⁸ “E, talvez, quem observa a frágil figura a tocar o órgão na igreja Anglicana local aos domingos, não perceba que ali habita a mais elegante e transcendental *bête noire* da beleza e do conservadorismo” (ARIELO, 2019, p. 24)

⁹ Na teoria musical se entende que as tonalidades e ainda se um acorde for maior (com a terça 2 tons acima da nota tônica, ou nota principal do acorde) ou menor (quando a terça do acorde está 1 tom e meio acima da tônica do acorde) são capazes de influenciar e alterar a sensação ou o sentimento que se transmite, como alegria, tristeza, melancolia, realeza etc.

“Ora, segundo a análise de Scruton, se a experiência individual do sujeito acerca de um objeto estético depende de seu julgamento, isso reforçaria razões para que não houvesse crédito na objetividade do gosto, posto que este dependeria da cultura, abandonando a universalidade.” (Arielo, 2019, p. 32). O gosto, declaram os apóstolos do modernismo, é por vezes uma imposição e assimilação da cultura que é dada, ou de uma elite que determinou autoritariamente o que é bom ou não e onde não necessariamente esse gosto possui objetividade ou universalidade¹⁰, e nesse sentido não há a possibilidade da categoria de bom ou mal gosto, como se diz na linguagem popular, ser atribuída a alguém. “Quando declaro que algo é belo, estou descrevendo este objeto, e não o que sinto com relação a ele - ou seja, estou fazendo uma afirmação, o que parece significar que os outros, caso vejam tudo corretamente, concordarão comigo.” (Scruton, 2015a, p. 41). Ora, esta afirmação/juízo é objetivo, e em sendo objetivo deve possuir um critério universal.

“O que Sir Roger aponta em sua fala é a desmistificação da pura subjetividade do gosto, visto que essa perspectiva de entendimento de fruição, ainda que não seja percebida por todos, faz parte da objetividade do julgamento estético.” (Arielo, 2019, p. 32). Ora, segundo Scruton “[...] há tanta objetividade em nossos julgamentos da beleza quanto há em nossos julgamentos da virtude e do vício. A beleza, portanto, tem raízes tão profundas quanto a bondade. Assim como a virtude, ela também nos fala do contentamento humano [...]” (2015a, p. 158). O belo é julgado por critério objetivo e não subjetivo, por uma “verdade”, e por um “bem” semelhante à virtude e ao vício, e segundo o filósofo a beleza é semelhante à bondade e ao verdadeiro por necessitarem que critérios objetivos a determinem, semelhante a visão de mundo medieval.

1.7. O Desejo de Conservar

O desejo de conservar é próprio do movimento conservador a que pertence o Sir Roger Scruton, com uma obra profícua: “Seu percurso enquanto pensador conservador é profícuo: fundou, na década de 1970, o *Conservative Philosophy Group* – grupo de desenvolvimento intelectual do pensamento conservador [...]” (Arielo, 2019, p. 23). “Em 1982, fundou o periódico conservador *The Salisbury Review*, do qual permaneceu como editor-chefe por 18 anos.” (Arielo, 2019, p. 23).

¹⁰ Com “universalidade” o autor se refere a algo que seja comum a todos os seres-humanos, isto é, um critério de bom gosto universal é um bom gosto que seja capaz de julgar a todos os gostos

“A beleza, ao contrário da disrupção, é conservadora. Ela reforça as questões perenes que dão harmonia à vida, visto que ela consagra o mais ordinário elemento em algo insubstituível.” (Arielo, 2019, p.116). A beleza perdura no tempo, as formas belas que vislumbram são desejadas, e deste modo, os leva a buscarem a conservação, a fim de levarem à próxima geração o bem, o belo e o verdadeiro que encontraram. O desejo de conservar o belo vem imediatamente após a sua contemplação, justamente porque a beleza que vislumbra nos impele para a eternidade. Há, desta forma, uma característica particularmente conservadora: “[...] o gosto pela tradição e pelos laços herdados de experiências anteriores para a atual geração.” (Arielo, 2019, p. 128).

“Para o conservador, portanto, é evidente que nada se conquista pela cultura da transgressão, exceto a perda que a deleita – a perda da beleza como valor e finalidade.” (Scruton, 2015 apud Arielo, 2019, p. 132). A transgressão é fruto da revolução e da ruptura com uma produção anterior, a arte moderna se configura precisamente neste eixo, da ruptura e da desvinculação com a tradição, com o advento da ruptura com o belo a tradição é deixada de lado, a grande dedicação de Scruton é fazer perdurar esta tradição que recebeu.

“Se hoje há museus que resguardam obras e objetos tidos durante séculos como belos e insubstituíveis, eis uma prova cabal do sucesso da atitude conservadora.” (Arielo, 2019, p. 137). Apesar da revolução estética das escolas modernistas o belo triunfou ainda, uma vez que o belo está aí perdurando como guetos na sociedade moderna, com clarões aqui e ali de luminosidade de beleza ofuscando nossa sociedade, como a beleza de uma catedral no centro de uma metrópole, um oásis de transcendência no centro do caos da sociedade contemporânea de concreto e formas simplistas.

2. O ESTADO DA BELEZA NA PÓS-MODERNIDADE

Neste capítulo analisaremos o estado da beleza na pós-modernidade, pós-modernidade esta que é compreendida como formada pelo movimento modernista de desconstrução, de ruptura e revolução estética. No plano estético da pós-modernidade é retirado a categoria do belo e estabilizado no lugar o feio, o escândalo, o grotesco, ideia e a subjetividade, a arte sacra que se baseia nesta arte ineficaz, uma vez que, por uma necessidade da própria arte modernista de ser dotada de símbolos subjetivos e intelectualizados, não é capaz da catequese dos mais simples, que fala por si mesmo. O objetivo é abalizar o estado da arte contemporânea para localizar as respostas de Scruton no contexto em que nos inserimos.

2.1. A Beleza Como Manifestação da Ideia

Hegel é a pedra angular para a filosofia contemporânea, uma filosofia de construção e desconstrução, de fluidez, de dinamismo e de abertura, ora, a filosofia de Hegel é tão abrangente que certamente não se eximiria de permear o campo estético. Hegel é um filósofo de transição entre o moderno e o “pós-moderno” ou o contemporâneo (como preferir), por mais questionáveis que sejam essas categorias. “A Beleza [...] se define como a manifestação sensível da ideia” (Hegel, 1944 apud Suassuna, 1979, p. 83). Com esta pequena frase, não sem a pretensão de produzir um novo paradigma estética, Hegel fundava a percepção artística da contemporaneidade. A arte na modernidade projeta em si as ideias filosóficas de seus intelectuais, o artista se torna propagador de seu filósofo e seus pensamento (ideia) preferidos.

As pretensões desde trabalho são sobretudo de reflexões estéticas, isto é, Scruton está empenhado por uma teoria do belo, a categoria da beleza elevada a todas as suas consequências, explorada em toda a sua potência e abrangência, porém, em Hegel além de estética está presente filosofia da arte, uma disciplina originada por Hegel em “Estética” uma obra sua publicada em 1838, onde examina a finalidade da arte, que é uma manifestação sensível da ideia e essa ideia apoiada sobre o belo, apesar de Hegel considerar que de fato a beleza importa não pode prever que as consequências de suas ideias levariam os teóricos e artistas da geração por vir a sobrepor a categoria da beleza pela ideia, pelo conceito.

“Para onde foi Deus?”, gritou ele, “já lhes direi! Nós os matamos – vocês e eu. Somos todos seus assassinos! Mas como fizemos isso? Como conseguimos beber inteiramente o mar? Quem nos deu a esponja para apagar o horizonte?” (Nietzsche, 2001, p.147). Assim mata Nietzsche¹¹, herdeiro de Hegel, o deus da filosofia, da cultura, da religião e do homem, morria o paradigma teológico e antropológico e ainda simbolicamente morria conjuntamente um outro deus pouco explorado pelos comentadores dessa passagem, morria conjuntamente o deus belo, morria a expressão mais sublime da experiência estética, morre também o deus do belo. A sociedade que já não possui fundamentos pode subsistir? “Para onde se move ela agora? [...] Não caímos continuamente? Para trás, para os lados, para frente, em todas as direções? Existem ainda ‘em cima’ e ‘embaixo’? Não vagamos como que através de um nada infinito? [...]” (Nietzsche, 2001, p.148), o fundamento estético foi destronado, o deus beleza foi usurpado.

Ainda com Nietzsche, “[...] não deveríamos nós mesmos nos tornar deuses, para ao menos parecer dignos dele? [...]” (Nietzsche, 2001, p.148). O paradigma da revolução moderna de fato encampou este feito, algum deus precisou ser posto no lugar do deus morto, o deus Ideia, o deus do feio, do horrendo, já não há mais bases para o deus Beleza, resta-lhes se contentar com o que possuem, o inacabado. Ocorre que este Deus de Nietzsche é a metafísica sobretudo, a estética está fortemente estabelecida sobre o fundamento metafísico, a morte do belo é uma consequência direta, mas, assim como reconheceu Heidegger que a metafísica é uma cadeia de montanhas irremovível, da mesma forma o belo é uma dessas montanhas irremovíveis, e ainda, se considerar que de fato o deus Beleza morreu definitivamente, há ali um corpo gigantesco amostra, um elefante na sala, a beleza do passado que permanece instigando e fomentando o belo no nosso tempo, o belo não pode se ocultar..

“[...] a beleza e a utilidade são valores independentes, de modo que apreciar algo por sua beleza seria bastante distinto de apreciá-lo como meio de alcançar um objetivo prático.” (Scruton, 2015a, p. 87). Ora, a arte, de fato, pode ser descrita nestes termos, porém mais especificamente na arte moderna, ela se presta a um objetivo bem concreto, ao questionar o autor se observará que desejou evocar esta ou aquela ideia, princípio, tese etc. E neste sentido ela se mostra intelectualista, na medida em que o requisito de compreensão da obra é a profundidade técnica e teórica de um acadêmico, o que será da grande maioria da sociedade que não possui este instrumentou? Ela, deste

¹¹ Considerei dialogar com Nietzsche por se configurar como um filósofo que vem estabelecer continuidade da reflexão de Kant e Hegel com relação à crise da metafísica.

modo, está fadada a dialogar somente entre os seus. A arte contemporânea, ao dialogar com a acadêmica é capaz de tocar algo em todos? Ou se configura como uma forma de elitismo?

Ainda poderiam questionar, mas uma arte que busque os valores de ordem, alinhamento, da beleza etc. também não se mostra inacessível para todo o resto do povo que não está inserido na academia de arte? Segundo Scruton não, pois diferentemente da arte contemporânea, a beleza é arte em si mesma, ora, ela se demonstra de forma evidente, não necessitando de um elemento teórico necessariamente para se maravilhar com o sublime do êxtase de Santa Teresa do Bernini. Uma vez que se maravilhe com a obra é capaz de buscar um conhecimento mais profunda, porém, a arte contemporânea precisa de um conhecimento profundo para se atingir o maravilhamento.

“O artista moderno esforça-se para expressar realidades que não eram encontradas antes e que são especialmente difíceis de abarcar. Contudo, isso só pode ser feito se o capital espiritual de nossa cultura for aplicado ao presente e o revele como realmente é.” (Scruton, 2015a, p. 181). Ora, ao questionar um artista contemporâneo ele certamente legitimará a sua extirpação do belo, do bom e do verdadeiro com a justificativa pseudo benevolente de transmitir aos seus apreciadores um fenômeno e uma experiência estética que não seria possível na arte anterior, mas o público de nosso tempo que a recebe é adequadamente preparado para essa experiência artística? Essa arte é capaz de produzir um bom imaginário para a sociedade? São questões que a sociologia e a psicologia precisam responder, mas fato é que a crise do ser humano na contemporaneidade pode ser um sinal deste símbolo estético.

2.2. A Anulação da Beleza Pelo Feio

“A arte mais recente, por sua vez, cultiva uma postura transgressora, igualando a feiura daquilo que retrata com uma feiura própria. A beleza é rebaixada a algo demasiadamente doce e escapista, distanciando-se demais das realidades para merecer uma atenção desenganada.” (Scruton, 2015a, p. 178). O século XX é o tempo da transgressão, da revolução, da desordem, o foco pós-moderno está em derrubar a ordem vigente buscando assim o novo que é possibilitado somente por esta fuga de tudo o que se fez. Desta forma um dos estágios mais evidentes da transgressão na arte é a adesão ao feio, ao horrendo, ao grotesco, expressões que na arte

convencional e na arte contemporânea causam uma sensação desconfortável, e esse desconforto será utilizado, utilizado para produzir uma experiência diversa, este paradigma é estabelecido no lugar da beleza.

“No Modernismo, as recompensas perenes da experiência estética – prazer, insight, empatia – foram em grande parte retidos, e seu objetivo mais magnânimo, a beleza, foi abandonada.” (Steiner, 2015a, p. 104). O fruto da experiência artística do belo é uma expressão de prazer diferente, mas não menos sublime, uma inspiração para a vida (insight), a criatividade e a expansão das nossas referências do imaginário¹². Com a revolução da modernidade adentrando o campo da estética mais drasticamente estas bases foram derrubadas e colocadas em xeque, ora, ao questionar a experiência artística do belo se desmorona os seus frutos mais sublimes, que sociedade subsiste a morte de um de seus deuses? A beleza é magnânima, leva a todo ser-humano disposto à contemplação a possibilidade de alçar voos maiores na vida, a alcançar e buscar viver sempre uma realidade mais beleza, não só na contemplação, mas na vivência mais concreta.

Para Mario Vargas Llosa “A estética contemporânea estabeleceu a beleza da feiura, resgatando para a arte e suas representações artísticas tudo o que a experiência humana havia rejeitado anteriormente” (1996 apud Steiner, 2015, p. 104). E neste sentido o modernismo é arte de rejeição à grande tradição, buscando a inovação. Se não se configura como rejeição, no mínimo é uma oposição forte a tudo que foi feito em toda a tradição. “A sociedade moderna está repleta de objetos fantasiosos[...] Um desejo fantasioso não busca nem uma descrição literária, nem a pintura delicada de um objeto, e sim um simulacro[...]” (Scruton, 2015a, p. 115). Este feio se mostra ainda fantasioso, uma vez que a imperfeição da forma (traços, linhas e cores) não é capaz de retratar a realidade com clareza, mas um simulacro dela, uma fantasia que representa subjetividades e sentidos vazios, a interpretação pessoal poderá determinar algo, porém o critério racional não acompanha.

“Outra coisa para a qual devemos, de início, chamar atenção, é a necessidade de distinguir a Arte ‘feia’ — isto é, a Arte falhada, mal realizada, incharacterística — da Arte ‘do feio’, isto é, da boa Arte que cria a Beleza a partir do Feio, e não do Belo” (Suassuna, 1979, pag. 202). O feio é

¹² Compreendendo o conceito de imaginário como o conjunto de referências e imagens que possuímos armazenado na memória, é nossa cultura pessoal. Por exemplo, na literatura ao nos depararmos com a ficção, com os personagens, com os cenários, com as opções estéticas adotadas, com as analogias etc. temos acesso a um conjunto de vidas possíveis que nos enriquece e nos ajuda a agir na vida concreta, e ainda forma o homem em suas opções estéticas.

uma categoria que não se atribui a falhas artísticas, mas a artes propositalmente feias, que foram pensadas assim para produzir um certo sentimento específico em quem a recebe. O artista produz o feio pensando que o fazendo é o único modo de demonstrar o fenômeno do horror, do feio, do mal etc., sendo assim algo que a beleza não conseguiria oferecer na mesma proporção, mas que poderia ser questionada, uma vez que facilmente se percebe o horror e o medo em obras como “Saturno devorando seu filho”, de Peter Paul Rubens, ou alguma outra representação da divina comédia nos estágios do inferno por Gustav Doré, isto é, são obras dotadas de forma, de ordem e estilo, mas que demonstram a realidade e o irreal de tal forma que é capaz de impactar.

“Obviamente, ela não se resume apenas a uma crítica sobre as escolhas formais desses artistas, mas principalmente como esse abandono pelo cuidado para com as formas colocou em evidência um desarranjo moral com suas preferências pelo escárnio e pelo chiste.” (Arielo, 2019, p. 99). Não somente sobre algo feio por sim mesmo que Scruton se levanta, mas sobre a consequência imediata desta forma estética na sociedade, isto é, o escárnio social, o escárnio a tradição, o escárnio à beleza.

“A arte nos comove porque é bela, e parte de sua beleza advém do fato de ela significar algo. Ela pode ser significativa sem ser bela, mas para ser bela precisa ser significativa.” (Scruton, 2015a, p. 127). A significação é imprescindível para a beleza o que o torna essencial para a experiência estética, porém, a beleza é um a mais que realmente engrandece qualquer experiência, a necessidade e eficácia de estilo de tal ou tal obra pode ser questionado, mas não a necessidade da beleza, a beleza é necessária e importa, porque a beleza engrandece a significação.

2.3. A Influência Marxista

Como uma consequência das mesmas premissas do ideal revolucionário do tópico anterior surge a influência de uma escola teórica especificamente muito profícua para a arte, que buscará imprimir na arte os seus princípios sociopolíticos, socioeconômicos e revolucionários. Neste tópico se desenvolverá brevemente a perspectiva de Scruton sobre o marxismo na estética pós-moderna.

“Seria ingênuo, porém, abordar o campo da estética como se a tradição marxista não houvesse exercido alguma influência em sua definição. Versões da crítica marxista aparecem em Lukács, Deleuze, Bourdieu, Eagleton e muitos outros [...]” (Scruton, 2015a, p. 72). O marxismo, como em tantos outros campos da intelectualidade acadêmica, exerce grande influência no conceito

de estética da pós-modernidade, sobretudo inserindo no debate filosófico/estético uma chave de leitura socioeconômica, política e sociológica. O Marxismo é um pensamento filosófico, porém, também profundamente econômico, sociológico e político em sua essência, onde a categoria do proletário e dos oprimidos pelo poder da burguesia, isto é, os donos dos meios do trabalho, é colocada no centro da leitura da realidade, de cunho ateu e materialista. “A história de todas as sociedades até hoje existentes é a história da luta de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e companheiro, em resumo, opressores e oprimidos, em constante oposição, têm vivido uma guerra ininterrupta[...]” (Marx, 2002, p. 40).

“Caso só consigamos justificar o conceito de estética como se ele fosse uma ideologia, o juízo estético não possui fundamento filosófico nenhum. A “ideologia” é adotada em virtude de sua utilidade social e política, e não por sua verdade.” (Scruton, 2015a, p. 72). Ora, a visão sociopolítica do marxismo busca interpretar a arte e suas categorias como possíveis forças ideológicas da burguesia, a arte ganha assim outra finalidade que não aquele “si mesmo”, que falamos anteriormente, desta forma, há uma função bem particular para a arte, incitar os valores proletários marxistas a fim de produzir a revolução.

“Segundo eles, quando os seguidores de Shaftesbury formularam suas teorias do interesse desinteressado, eles não estavam descrevendo algo universalmente humano, mas apenas expondo um fragmento da ideologia burguesa em linguagem filosófica.” (Scruton, 2015a, p. 70). Além de não possui valor em si mesmo as diferentes expressões artísticas e linhas filosóficas estéticas terão sua utilidade para a sociedade questionada a depender de quais valores elas transmitirem, uma arte que carrega aquilo que os acadêmicos marxistas vão entender como os valores burgueses, a classe dos que dominam o mundo, é tido como uma arte alienante, e deste modo prende o proletário na sua parca consciência de classe.

“Além disso, enquanto regozijamo-nos com a ilusão de que tanto as pessoas quanto as coisas têm valor como “fins em si”, a economia capitalista trata tudo e todos como meios. A mentira ideológica facilita a exploração material ao gerar uma consciência falsa[...]” (Scruton, 2015a, p. 71). O marxismo, a despeito da sua crítica ao mercado, desvaloriza a dignidade da pessoa, uma vez que cerceia a liberdade, e desvaloriza ainda o valor das coisas, uma vez que não são capazes de reconhecer aquele “bonum, verum, pulchrum” que descrevemos no primeiro capítulo, isto é, o valor em si das coisas, e conseqüentemente o valor em si da arte, a estética é reduzida a

uma sociologia, e os fins estéticos são todos em função da revolução e do capital comunista, a propagação de suas ideologias por um marxismo cultural.

2.4. A Relativização dos Critérios

Há um dado sobre o gosto estético, foi descredibilizado e anulado, o argumento é muito simples: “Gosto nenhum pode ser criticado, dizem, porque criticar determinado gosto nada mais é que dar voz a outro; desse modo, nada há a ser aprendido ou ensinado que possa receber o nome de ‘crítica’.” (Scruton, 2015a, p. 7). Coisas como o bom ou mau gosto não são observadas na contemporaneidade, ora, “o gosto é uma percepção subjetiva irracional” dizem os detratores da beleza, é irônico vindo de um discípulo de uma escola estética como o modernismo que considera a subjetiva percepção artística do autor como sendo o critério para determinar a bondade de algo e não um critério objetivo e embasado nas escolas mais clássicas e consagradas. Quem atribui valor, significado e profundidade a uma obra? O próprio autor, logo, sem a profundidade de uma técnica, de composição de cores etc., que falam por si mesmas não é um critério racional que atribui valor à arte, mas, muitas vezes, o bom nome do artista que o produziu, ou um conceito abstrato que pode ter sido abstraído, como já dito no primeiro tópico deste capítulo.

“Daí a atual ‘crise das humanidades’: haveria motivo para estudarmos a herança de nossa arte e cultura numa época em que o julgamento de sua beleza não possui nenhum fundamento racional?” (Scruton, 2015a, p. 8). O odor é de insegurança em relação à interpretação da arte e, consequentemente, em relação à produção artística, uma vez que tudo pode ser considerado fruto de genialidades e ao mesmo tempo nulidades, pois as clarezas dos critérios de interpretação artística não está presente nas galerias, e nas colunas artísticas da internet ou dos jornais.

“Caso só consigamos justificar o conceito de estética como se ele fosse uma ideologia, o juízo estético não possui fundamento filosófico nenhum. A ‘ideologia’ é adotada em virtude de sua utilidade social e política, e não por sua verdade.” (Scruton, 2015a, p. 71). Tendo em vista o que foi apresentado no tópico sobre o marxismo, uma consequência lógica imediata do marxismo é a deslegitimar a objetividade/razionalidade dos critérios para a o julgamento estético. Uma vez que a arte é vista como ideológica por um lado, e por outro lado vista como um instrumento que pode dar consciência de classe para os indivíduos, e esse é o critério de qualidade da arte, não a sua

técnica estética, deste modo, boa arte é arte com valores marxistas, e má arte é arte que infla os valores da classe burguesa.

No entanto, para Scruton, a questão da objetividade é central, uma vez que o conceito de beleza depende de um olhar objetivo sobre a realidade, pois abalizada pelas disciplinas mais clássicas e seguras de estética. Uma vez que deseja que o belo impere no mundo e deseja abrir as consciências para o fato de que ela importa precisa convencer de que ela é objetiva e clara. “É de cabal importância compreender essa determinação entre subjetividade e objetividade em Scruton, pois é nesse argumento que reside grande parte de sua crítica à perda da beleza e à dessacralização na arte. Tanto a beleza quanto a arte devem ter um valor em si mesmo.” (Arielo, 2019, p. 100).

2.5. A Vivência Religiosa

“[...] salientando a importância do saber ler e perscrutar a beleza das obras de arte, inspiradas pela fé e promovidas pelos crentes, para aí descobrir um singular itinerário que aproxima de Deus e da sua Palavra.” (BENTO XVI, 2008, p. 2). O papa Bento XVI, abalizado também por seu predecessor o papa São João Paulo II, incentivou profundamente a relação entre a fé a beleza pela *via pulchritudinis*¹³ que no contexto deste documento é um meio de evangelização da doutrina católica pela exposição da beleza das artes, da arquitetura, da música, da palavra do rito etc. características que são constitutivas para a prática sagrada da religião católica, a expressão católica é profundamente estética. Estes fatos tornam mais dramático a perda do sentido da beleza, uma vez que os templos e o rito não expressam sua essência como a religião poderia perdurar no tempo e perseverar em suas obras?

“Mais uma vez, reconhecemos que o belo e o sagrado são contíguos em nossa experiência e que nossos sentimentos por um respingam a todo momento no território reivindicado pelo outro.” (Scruton, 2015a, p. 88). Como já abordado no capítulo anterior, mesmo que *en passant*, a beleza e o sagrado coincidem profundamente, a beleza conduz o homem à experiência do sagrado e se faz basilar a ela. O sagrado permeia-se de tudo quanto são formas estéticas belas que se façam instrumento de uma verdade, a verdade da palavra da fé, e no contexto cristão o evangelho.

¹³ Via pulchritudinis é um termo em latim, que quer dizer o caminho da beleza, e neste contexto se configura como um meio de evangelização da doutrina católica pela exposição da beleza.

“[...] existem artistas que, pelo contrário, acham as formas mais ásperas do Feio mais expressivas, menos comuns, menos tendentes ao sentimentalismo, à pieguice, à uniformidade e à monotonia.” (Suassuna, 1979, pag. 201). A arte, até o movimento modernista, possuía a busca por transparecer a ordem que observavam no mundo exposta na obra, isto é, a busca por proporção como já descrevi no primeiro capítulo. Há no movimento modernista um desejo pelo feio, pelo horrendo, pela deformidade etc. a dificuldade do modernismo é, desta forma, um diálogo com a vivência religiosa, com o âmago da vida religiosa, com a arte sacra, uma vez que a religião se comunica com os mais simples, a religião se utiliza da arte, sem utilitarismo, para transmitir as verdades do evangelho de forma mais ou menos palatável, uma vez que a arte modernista se faz intelectualista em demasia, não atinge o objetivo de que a igreja procura e assim não recebe aderência no âmbito religioso, querendo ou não, a estética da fé exige alguma demonstração sentimental de arte.

2.6. O Problema da Arte Pós-moderna

“O artista moderno esforça-se para expressar realidades que não eram encontradas antes e que são especialmente difíceis de abarcar. Contudo, isso só pode ser feito se o capital espiritual de nossa cultura for aplicado ao presente e o revele como realmente é.” (Scruton, 2015a, p. 181). A grande questão da arte moderna, para Scruton, é o fato de que o desejo legítimo de buscar novas formas de se produzir arte deve ser acompanhado por uma sociedade espiritual e intelectualmente capaz de acompanhar a sua reflexão. Por outro lado, vê-se um intelectualismo por parte das belas artes, onde uma obra de arte, por tão subjetiva e relativa a visão do autor, só é capaz de se comunicar com a academia, com os doutos em estética, os homens que são capazes de analisar a aquela expressão específica.

“Além disso, é realmente importante o tipo de arte a que você adere, aquele que você inclui em seu tesouro de símbolos e alusões que carrega em seu coração. O bom gosto é tão importante na estética quanto no humor [...]” (Scruton, 2015a, p. 109). Como nos ensina a sabedoria popular “você é o que come”, isto é, quem consome ouro, ouro se torna. Como dizia Ortega y Gasset “[...] para a maioria das pessoas, o prazer estético não é uma atitude espiritual diversa em essência da que habitualmente adota no resto da sua vida.” (1925, p. 26) o estético que pode assimilar

transparece na essência da vida que se vive¹⁴. O belo é salutar para a formação humana pois quem é formado pelo belo também belo será e formará, a harmonia produz harmonia, ou poderia se crer de uma natureza poderia surgir outra diversa? Os símbolos que carregamos ressaltam o imaginário que possuímos, o que esperar de uma geração que se esqueceu da beleza?

“Algumas obras mudaram a forma como vemos o mundo[...] a Eneida, de Virgílio e o Moisés de Michelangelo; os Salmos de Davi e o livro de Jó. Para aqueles que desconhecem essas obras, o mundo é um lugar diferente, quiçá até menos interessante.” (Scruton, 2015a, p. 120). A sociedade na qual vivemos corre o risco de perder a referência de seus imaginários dos clássicos da humanidade, perdendo contato com o grande diálogo dos tempos¹⁵, as grandes produções que se consagraram pela perfeição de suas formas se perdendo pelo desejo orgulhoso pelo novo e desprezando aquilo que o tempo confirma, pois, dotado da capacidade de perdurar, capaz de resistir ao crivo do tempo.

¹⁴ Desta forma o *Bonum, Verum, Pulchrum* ganha um novo sentido, pois as três categorias foram feitas justamente para coincidir, aquilo que na vida é moralmente adequado (bom), transparece em uma adequação da beleza e do verdadeiro.

¹⁵ Com “grande diálogo” me referi à grande extensão da literatura da humanidade, na qual se é incluso a partir do momento em que um autor se dispõe a escrever, publicar e submete sua obra ao grande diálogo/discurso com todas as inúmeras obras dos tempos, é a grande conversa dos pensadores de todos os tempos

3. A DESSACRALIZAÇÃO E A FUGA DA BELEZA

O objetivo deste capítulo é apresentar a leitura de Roger Scruton ao atual estado da modernidade, o de fuga da beleza e a dessacralização desta mesma beleza. Para compreender, num primeiro momento a dessacralização é preciso dessecar o sagrado para Scruton, passando por Durkheim, Rudolf Otto e Mircea Eliade, a fim de dar plena compreensão às suas noções do que seria uma dessacralização.

A dessacralização que é a tônica pós-moderna, uma vez que todos os espaços urbanos, artísticos, acadêmicos etc. foi “[...] desfigurado e profanado, segundo Sir Roger, pela pichação e pelo *fast-food*. Todas essas coisas gritam por atenção como uma criança mimada, que deseja ser o centro de todos os olhares.” (Arielo, 2019, p. 101), isto é, o fast-food é representação disto, tomou todos os lugares com estética vulgar minimalista, e o faz intencionalmente buscando os olhares para si, mas não pela beleza, mas por outras categorias. A fuga da beleza que é uma consequência direta da dessacralização, uma vez que a sociedade banalizando a beleza não mais a procurará. E buscando provar por fim o quanto a beleza importa e quanto é necessária para o nosso tempo, o quanto o mundo a espera e almeja, mesmo que, por vezes, sem saber, mas quem procura a verdade procura a beleza.

3.1. O Sagrado

“Usualmente, o conceito do sagrado infere sobre o mundo religiosos: sua estrita conexão enquanto sinônimo de Deus é ampla e popularmente utilizada, mas pode incorrer no erro de generalizações dogmáticas a serviço de uma teologia” (Arielo, 2019, p. 89). A busca por uma definição do sagrado, como é o objetivo neste tópico, já é complexa por si só no contexto da ciência da religião, ainda mais quando tentamos enxergar estas categorias desta ciência em um autor como Scruton, que como exemplifiquei no primeiro capítulo desta pesquisa, não busca dar respostas simples, fáceis, palatáveis e unívocas, mas por vezes dotadas de possibilidades múltiplas, dúbias e com camadas complexas e profundas.

“[...] o filósofo não se utiliza da noção de sagrado aqui como ‘arte sacra’ [...], pois estas estão intimamente ligadas a funções de culto [...] A escolha de Scruton para a utilização do sagrado [...] é fundamentalmente filosófica [...] desperta um certo sentimento fenomênico.” (Arielo, 2019,

p. 98). A leitura de Scruton do sagrado não infere na questão do religioso, como uma filosofia, que adere a uma denominação religiosa em específico e dela faz propaganda, ou ainda à aqueles que buscam identificar o sagrado como a experiência religiosa como “[...] aqueles que o comparam [o sagrado] a Deus ou à religião (Nathan Söderblom, Gerardus van der Leeuw, Rudolf Otto, Mircea Eliade) [...]” (Arielo, 2019, p. 90), mesmo partindo do ponto de vista de uma mente com o “código genético cristão” bem definido a teoria do sagrado de Scruton busca um caráter de universalidade.

“[...] há três formas de investigação que interessam à visão de Scruton – seja como forma de consolidação ou distanciamento. São elas as noções de Durkheim, Otto e Eliade.” (Arielo, 2019, p. 90) os três filósofos classificados por Arielo como grandes referências da categoria de sagrado para Scruton, a fim de concordar ou discordar, possuem posições distintas e inseridos em duas escolas distintas, sendo Durkheim um sociólogo situacionista e Rudolf Otto e Mircea Eliade cientistas da religião que identificam o sagrado com Deus e com religião.

Durkheim contribui com a teoria de Scruton na medida em ajuda a compreender o fenômeno do sagrado como algo essencial e em relação de necessidade com o ser-humano, por se tratar de uma experiência social, capaz de fortalecer o coletivo da humanidade, uma vez que é a força de manutenção da própria comunidade humana, a vida social depende do eixo do sagrado, ou do religioso, como preferir. “De fato, se seguirmos o raciocínio de Durkheim, isso é o núcleo da experiência religiosa: a minha experiência como membro de alguma coisa, sendo chamado para renunciar a meus interesses em função do grupo maior [...]” (Scruton, 2017, p. 10).

Rudolf Otto contribui com a visão de Scruton na medida em que apresenta a noção de uma experiência subjetiva de sagrado para vida humana, da necessidade e centralidade da experiência humana de sagrado para a vida. “O numinoso de Otto tenta dar sentido à coisa religiosa através do sagrado; em outros termos, para Otto, a religião não existe sem o sagrado, já que este é sua própria condição de existência [...]” (Arielo, 2019, p. 93), o numinoso é aquilo que não está no acesso racional, é impronunciável, indizível e foge da apreensão do conceito (Otto, 2007, p. 38).

E, por fim e mais importante, a visão de Mircea Eliade, sobretudo definição do sagrado em detrimento do profano, e sobre o conceito de hierofania: “A fim de indicarmos o ato da manifestação do sagrado, propusemos o termo hierofania.” (Eliade, 1992, p. 13). Sobre a hierofania é central para Scruton, pois hierofania é uma manifestação do sagrado que revela algo daquilo que ele é, “[...] o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano.” (Eliade, 1992, p. 17). Ora, a religião lida

diretamente com hierofanias, no contexto católico ou anglicano que a posição de Scruton, um sacramento é uma hierofania por excelência, e Deus se encarnando é a suma hierofania.

Por fim, não é exagero dizer, para quem leu atentamente o primeiro capítulo deste trabalho e confirmando agora neste tópico, que fica claro perceber a intenção de colocar a beleza na posição de uma hierofania na medida em que o autor está sempre associando a beleza com o sagrado e a exaltando constantemente à categoria de um bem que no mundo contemporâneo é “dessacralizado”. Dou um passo além, me baseando em Arielo, que é este o objetivo de toda a obra “Beleza”, fazer da categoria da beleza o próprio sagrado: “Arrisca-se defender aqui que, a arquitetura e a arte para Scruton são manifestações hierofânicas do sagrado. Talvez, não no aspecto integral daquele cunhado por Eliade, mas no sentido de que o homem percebe o sagrado no mundo, pois este se manifesta.” (Arielo, 2019, p. 97). Ora, Arielo especifica precisamente a arquitetura e a arte por serem elas precisamente os principais instrumentos estéticos da religião junto com a poética, nestas manifestações claramente se demonstra suas hierofanias, na medida em que capazes de transmitir a experiência do sagrado e por vezes até se tornarem o próprio sagrado realmente.

“O sagrado é uma das maiores inquietações de Sir Roger no mundo contemporâneo. Como tornado explícito, o mundo da vida, ou seja, o *Lebenswelt* é o lugar onde o sagrado se manifesta e onde o ser humano busca interpretação e compreensão das coisas que o rodeiam” (Arielo, 2019, p. 98). O sagrado é também para o filósofo, o grande critério balizador para a vida, uma vez que é o crivo de interpretação do real, o que abre uma brecha ainda maior para se compreender o sagrado como a beleza, uma vez que a beleza estética é o grande símbolo de leitura da realidade, para Scruton.

3.2. A Dessacralização da Beleza

“Meter-se com eles [os ritos sagrados] sem alguma preparação purificadora é correr o risco de cometer sacrilégio - é dessacralizar e macular o que é santo arrastando-o para a esfera dos acontecimentos corriqueiros.” (Scruton, 2015a, p. 61). O ato de dessacralizar é semelhante ao ato de profanar, é tomar as hierofanias do sagrado, tomar estes objetos e experiências que são separadas do ordinário, feitos para se relacionarem com as coisas de Deus, que pertencem ao domínio do divino, que são dotadas da mística da pureza, a pureza que é a perfeição e o exemplo que as religiões desejam incutir no homem, tomar seus símbolos estéticos expressos na paramentação desta ou

daquela religião, tomar as suas orações, preces e cantos, que é a expressão da fala no rito, tomar seus gestos etc. e assim de alguma forma maculá-los, isto é, tirá-los da sua ordem estabelecida pela crença do extraordinário e tocá-los com o profano. Assim como no icônico fenômeno que marcou os canais de comunicação brasileiros, da 19ª parada do orgulho LGBT em 2015, onde uma atriz transexual foi colocada no lugar do cristo crucificado, símbolo religioso de forte expressão para a identidade nacional brasileira¹⁶. Porém, para Scruton, este fenômeno do profanar religioso, que tem a ver com a moral de uma sociedade, religião ou cultura particular não é simplesmente transposto para o campo estético, mas é uma forma diferente de se compreender este fenômeno, no entanto a imagem serve como um paralelo no mundo real de uma profanação.

“Os lugares sagrados são os primeiros a ser destruídos por invasores e por iconoclastas¹⁷, para os quais, nada é mais ofensivo do que os deuses do inimigo.” (Scruton, 2015a, p. 164). A iconoclastia é presente desde os primórdios da humanidade, no ato de destruição do artístico que a religião produziu percebeu-se o vínculo possível do religioso com o artístico, como que a religião que é algo que se constitui com práticas e ideias é manifestada e materializada na arte, a estética sendo assim um espaço de transparência do religioso. Destruir o ícone se identifica assim com o destruir a religião em si, inclusive por ferir o ego e o afeto de seus crentes.

“O medo da dessacralização é um elemento vital de todas as religiões. Com efeito, é isso mesmo o que a palavra *religio* significava originalmente: um culto ou cerimônia destinado a proteger um local sagrado do sacrilégio.” (Scruton, 2015a, p. 184). Deste modo, segundo esta chave de leitura, a religião subsiste da dessacralização, isto é uma forma de mais positiva ver a dessacralização, pois a religião existe na medida em que precisa preservar o sagrado do toque do profano, a religião existe em função da dessacralização. O que por um lado poderia incentivar a dessacralização da arte, uma vez que somente porque existe o feio, o horrendo, o grotesco pode haver a bela forma que encanta, de modo que o belo passar a subsistir do feio, e havendo o feio é capaz de ser mais belo e encantar mais.

Agora no âmbito estético esse dessacralizar pelo ícone é identificado de outra forma, o ícone e o sagrado que é profanado é a beleza, a iconoclastia é a perda da beleza vilipendiada pelos artistas

¹⁶ <https://exame.com/brasil/crucificada-em-2015-modelo-leva-biblia-para-parada-gay/>

¹⁷ A iconoclastia é destruição de imagens ou ícones de cunho religioso, como uma expressão do ódio ou discordância da doutrina religiosa oposta à sua. Também é por vezes aplicado a quem destrói obras culturais, fontes artísticas de toda espécie.

pós-modernos. “A definição utilizada pelo filósofo é didática para entender esse processo [dessacralização]: iconoclastia.” (Arielo, 2019, p. 101).

“A crítica de Scruton sobre a dessacralização da arte paira exatamente sobre o abandono de certo rigor formal – ou seja, sobre as formas – perpetrado pelas vanguardas modernas e contemporâneas.” (Arielo, 2019, p. 99). A dessacralização da arte é, diferentemente da profanação religiosa, uma crítica sobre a forma estética da sociedade contemporânea, ou seja, dessacralizar para Scruton é abandonar a centralidade da forma estética da beleza na arte, a opção por uma arte do feio priva a profundidade estética e priva a experiência do sagrado, isto é, aquele lugar em que os seres humanos buscam suas respostas às suas inquietações, desejam rastrear a raiz de suas fraquezas em busca de redenção. Ora, o belo redime, na medida em que proporciona o referencial de um sublime da forma estética e é capaz de evocar a esperança nos corações aflitos.

“Obviamente, ela não se resume apenas a uma crítica sobre as escolhas formais desses artistas, mas principalmente como esse abandono pelo cuidado para com as formas colocou em evidência um desarranjo moral com suas preferências pelo escárnio e pelo chiste.” (Arielo, 2019, p. 99). O dessacralizar passa pela forma, mas não se restringe a ela. A deformidade estética retira o conteúdo redentor da arte, que somente o sublime e o belo possuem, ora, a forma importa porque a beleza importa, porque a beleza possui inclusive um cunho psicológico, interior e psíquico profundo, que só é possui com a impressão positiva da bela forma, do impacto do sublime.

“Tanto a beleza quanto a arte são grandezas que devem ser um fim em si mesmas, e nunca um meio para se atingir algo.” (Arielo, 2019, p. 100). Ora, o ser um fim em si mesmo (como fora foi apresentado no primeiro e no segundo capítulo) é possivelmente a característica mais importante para compreender a arte como sagrada, se a arte permanece e se basta. “[...] Estas coisas estão sendo utilizadas enquanto meios para atingir objetivos de escárnio, de deboche, de repúdio e de críticas sociais esvaziadas de qualquer sentido ontológicos ou sagrado, da qual são herdeiras há séculos.” (Arielo, 2019, p. 100). Este fim do contemporâneo dessacralizou a arte, a banalizou, a política por si mesma, a ruptura por si mesma, a ruptura por si mesma, é este o valor da estética pós-moderna, são estes os seus deuses, mas ainda poderia dizer que Deus não morreu, tornou-se o feio. Mas, assim, chegamos a um ponto, a dessacralização é precisamente este afastamento da beleza por si mesma em oposição à estética por uma finalidade.

“Do mesmo modo, a experiência de Troilo [...] é de dessacralização: aquilo que lhe era mais belo foi corrompido, e seu desespero é comparável àquele expresso em Lamentações de Jeremias

com relação à dessacralização do templo em Jerusalém.” (Scruton, 2015a, p. 61). A narrativa de Troilo descreve o dessacralizar de Créssida, saindo da condição de divindade, na visão de Troilo, para a posição de peça descartável, uma vez que foi trocada por um prisioneiro e depois se envolve com ele. Analogamente, Troilo é o espectador que assiste o palco dos artistas pós-modernos passivamente, esperando a grandeza interior, a grandeza moral, a beleza da pureza e do interior de uma alma, espera a imortalidade que o bem e o belo produz, e recebeu o desencantamento da libertinagem e do descartável, qual não seria o seu escândalo, qual não seria o seu salto, em perceber que sagrado estava partido, esfacelado, que se fizera pó, que se faz tão pequeno e já não produzia nenhum de seus frutos outrora prometidos e fecundados. Aí em Troilo está cada homem contemporâneo a procura do sagrado, que, no entanto, só observa na arte o baixo profano.

3.3. A Fuga da Beleza

Este trabalho foi, em seus dois capítulos anteriores, a descrição, exemplificação e estabelecimento dos pressupostos para este tópico. A fuga da beleza, desta forma, esta pincelada em todos os capítulos, porém agora é esclarecida e levada a termo.

Scruton busca não ser injusto ao conceituar a fuga da beleza e reconhece que o conceito “beleza” possui um caráter ambíguo inegável, que pode produzir confusão (Scruton, 2015a). Porém, por outro lado, também é verdade que muitos dos argumentos contrários à beleza são caricaturas injustas do princípio genuíno do belo, feitos para o vilipêndio.

O que faz desse trabalho, dedicado à defesa da beleza, muito mais árduo, uma vez que o conceito é atacado e tentado à queda de todos os lados e faixa. Mas compreendo também que algo que é forçado à queda tentando ser derrubado e mesmo assim permanece tal qual é, perdurando no tempo, tem algo a nos dizer, pois implica que este algo é de uma natureza necessária com a realidade que não se pode tombar facilmente, tal qual o projeto de derrubada da metafísica, anos após e ela permanece assim como estava. “Forçaram-me violentamente para eu cair, mas o Senhor veio em meu auxílio. O Senhor é minha força, minha coragem; ele é meu Salvador.” (Sl 117, 13–14). O Senhor que vem ao socorro da beleza é a própria realidade, que se firma soberana sobre os tempos e faz outra e outra vez retornar o monumento da beleza sobre o feio.

O processo de fuga da beleza foi aos poucos minando a extensão dos frutos do belo, como os diferentes ramos estéticos que havia: a arquitetura, as esculturas, o vestuário, a pintura: “Eles

nos recordam da grande força liberada pela iconoclastia de Manet e dos choques sucessivos causados ao sistema à medida que cada experimento se concretizava, até o momento em que a pintura figurativa enfim passou a ser vista pela maioria como coisa do passado.” (Scruton, 2015a, p. 179).

No caso da música a harmonia também foi retorcida de tal modo com o uso das dissonâncias que fez “[...] cujas harmonias cromáticas alterantes parecem levar a tonalidade ao limite [...] e Schönberg, que inicialmente chocara o mundo e que foi justificada pelos mesmos argumentos empregados para justificar o fim da pintura figurativa.” (Scruton, 2015a, p. 179). A música abandona a sua harmonia nos sons, buscando levar de tensões a relaxamentos a um movimento marítimo, isto é, ondular, que poderia produzir inúmeros sentimentos, a um som distorcido em que mais se produz o desconforto do que uma experiência de beleza.

“Na arquitetura e na literatura, também encontramos essa mesma história: a arte está em guerra com seu passado e se vê forçada tanto a desafiar os clichês dominantes quanto a trilhar um caminho de transgressão.” (Scruton, 2015a, p. 180). Na arquitetura o caminho é feito na base do confronto, confronto direto com o passado, os grandes e suntuosos edifícios se impondo sobre o novo, porém muitas vezes caindo no próprio clichê.

Há uma ópera profundamente doce de Mozart, “O rapto de Serralho”¹⁸ doce pois, segundo Scruton “Esse roteiro implausível permite que Mozart expresse a convicção iluminista de que a caridade é uma virtude universal, sendo tão real no império muçulmano dos turcos quanto no império cristão do esclarecido José II [...]” (Scruton, 2015a, p. 183), busca expressar assim, a beleza da pureza, da doçura, do amor sincero e fiel. Estas ideias Mozart também deixa claro pelos arranjos que compõe à orquestra e aos cantores.

No entanto, esta obra doce, piedosa e de profunda compaixão, em uma montagem de 2004 em Berlim, “o produtor Calixto Bieito decidiu ambientar a ópera num bordel berlinense, fazendo de Selim seu cafetão e de Konstanze uma de suas prostitutas. Sobre o palco, casais copulavam até mesmo durante as músicas mais delicadas, [...]” (Scruton, 2015a, p. 183), ora, por um lado a composição de Mozart exprimia uma verdade: a compaixão e doçura, por outro, uma barbárie tribal e promovendo sexualidade e violência incontrolável, os se foram para os valores expressos nessa obra? Este é um caso de evidente fuga da beleza, mesmo preservando os arranjos e instrumentos

¹⁸ “Die Einführung aus dem Serail” estreou em 16 de julho de 1782.

originais de Mozart, a obra oficiou um vilipêndio direto a seu compositor. A obra perdeu o seu fio e se tornou outra coisa, tudo isso pela expressão moral que desejou transmitir, recordando ainda aquela reflexão do *verum, bonum e pulchrum*, uma vez que “A beleza, afinal, nos exorta a algo: ela nos convida a renunciar ao nosso narcisismo e a contemplar com reverência o mundo.” (Scruton, 2015a, p. 184).

“Esse é um dos exemplos de um fenômeno que temos visto [...] Os artistas, os diretores e os músicos, tal como todos aqueles que se veem ligados às artes, não estão somente fugindo da beleza: eles também desejam maculá-la em atos de iconoclastia estética.” (Scruton, 2015a, p. 183), a adaptação se demonstrou uma ode ao sexo narcisista e ao homicídio, isto é, nesse sentido foi também iconoclasta, na medida em que vilipendiou o sagrado da obra original de Mozart, na sua essência mais profunda que é a sua intenção primordial para a ópera.

“[...] a busca pela beleza é muitas vezes vista como fuga da verdadeira tarefa da criação artística: desafiar as ilusões reconfortantes e revelar a vida como ela é. Arthur Danto chegou até mesmo a defender que a beleza é um objetivo enganoso que contraria a missão da arte moderna.” (Scruton, 2015a, p. 178). Uma mentira ideológica é a de que a beleza é enganosa, um certo tipo de engano presunçoso e pretencioso, uma vez que xingar a beleza de enganosa e xingar toda a tradição artística de todo o mundo, pois o advento do feio é contemporâneo, porém a beleza é de sempre, mesmo no paleolítico o que se desejava fazer era algo quanto mais fiel à beleza do real, o objetivo era a magnanimidade da beleza.

“A dessacralização é uma espécie de defesa contra o sagrado, uma tentativa de suprimir suas reivindicações. Na presença de objetos sagrados, nossas vidas são julgadas, e no intuito de escapar desse julgamento destruimos aquilo mesmo que parece nos acusar.” (Scruton, 2015a, p. 186). Uma das raízes da fuga da beleza é a fuga do julgamento, é o medo escatológico¹⁹ que atormenta os pós-modernos, medo este que é fruto do estado do homem contemporâneo, ora, o ser humano deste tempo é dotado de fracassos, medos, crises interiores, fragilidades e imperfeições, elas os atormentam, e o belo os atormentam, uma vez que é capaz de oferecer altos valores através de si mesmo, como exemplificado no primeiro capítulo. Atacar e fugir da beleza é mera reação às consciências danificadas por um estilo de vida instável e incerto de valores passageiros e efêmeros da pós-modernidade.

¹⁹ Escatologia é a disciplina que investiga o mistério dos últimos tempos da humanidade no sentido teológico religiosos.

Uma forma de dessacralização é pela via da rejeição ao valor mais sublime, o amor: “Por ora subsistem a fé, a esperança e a caridade – as três. Porém, a maior delas é a caridade.” (I Cor 13, 13), esta caridade para com o corpo humano, de vê-lo assim como ele é, ver a sua natureza e em observando sua natureza respeitar sua dignidade, não como um objeto da libido sexual. “A pornografia é uma profanação que elimina o vínculo sexual da esfera dos valores intrínsecos. Ela envolve a supressão de uma área em que a ideia da beleza criara raízes, protegendo-nos assim da possibilidade de amá-la e perdê-la.” (Scruton, 2015a, p. 192), a pornografia é o próprio prazer narcísico, ela diminui o outro em sua dignidade em nome do prazer que é produzido egoisticamente, isto é, apenas em si mesmo. E só se ama aquilo que se identifica como belo, é esta a raiz do amor romântico, só se ama quando se vê beleza, eliminando-se a beleza se elimina a necessidade de amar, não precisando mais amar pode-se permanecer na sexualização narcísica e egoísta. “É isso o que verificamos no vício em pornografia que cada vez mais se difunde.” (Scruton, 2015a, p. 192) a pornografia se difunde pelo fato de outra vez procurar fugir da beleza que a acusa de sua falta de amor e caridade pelo outro, é novamente o medo do juízo escatológico.

3.4. A “Via Pulchritudinis”

Em resposta à fuga e dessacralização da beleza a igreja católica apostólica romana no pontificado do papa Bento XVI reagiu com a ‘via pulchritudinis’ termo latino que quer dizer: o caminho da beleza. “[...] o Caminho da Beleza parece ser um itinerário privilegiado para entrar em contato com muitos daqueles que enfrentam grandes dificuldades para receber os ensinamentos da Igreja, particularmente no que diz respeito à moral.”²⁰ A igreja identificou na beleza a via de evangelização tão esperada e pedida pelo papa João Paulo II em sua encíclica *fides et ratio*: “Pensando na nova evangelização, cuja urgência não me canso de recordar, faço apelo aos filósofos para que saibam aprofundar aquelas dimensões de verdade, bem e beleza, a que dá acesso a palavra de Deus.” (1996, p. 60). Recordando os princípios medievais do *bonum, verum et pulchrum*, o sumo pontífice identificou ali a base da solução para a nova evangelização, o ponto de partida, isto é, a via da contemplação da beleza se tornando base par ao anúncio cristão no século XXI.

²⁰ Conselho Pontifício para a Cultura. **O Via Pulchritudinis, Caminho Privilegiado para a Evangelização e o Diálogo**, São Paulo, Edições Loyola, 2007.

Este caminho passa pela compreensão da beleza da criação e o maravilhar-se com ela, a recriação feita pela redenção de Cristo, a beleza das artes, a posição da arte sacra na igreja, a beleza interior do próprio Cristo, seu fundador, e a beleza da liturgia, que é o ápice de toda vida cristã. O itinerário percorre inúmeros temas já estabelecidos neste trabalho, porém impressiona ver a maior instituição de caridade, de unidade de fiéis e colocação histórica no ocidente se recordando e reposicionando frente ao cenário de falta de credibilidade na beleza, sobretudo após o advento do concílio vaticano II que produziu, não intencionalmente, um afastamento em muitos lugares da profundidade estética de outrora na vida da igreja.

3.5. “A Beleza Salvará o Mundo”

A frase que inicia esta seção é de Dostoiévski, e ela é analisada e aplicada por Scruton e Arielo de diversas formas que serão exemplificadas. Arielo analisa como que a beleza salvará o mundo, para Dostoiévsky, e se dá em três pontos, a saber, da disrupção, do niilismo e da falta de fé.

A disrupção é o elemento contrário à tradição, ora, a tradição é a garantia e a permanência no tempo que se opõe e contrasta com a contingência do presente, a tradição já se provou e perdura no tempo, muito além da fluidez do sucesso momentâneo que vem e vai, no agora. “Em princípio, sustenta-se que Scruton olha para a beleza como uma forma de conservação da vida, tendo nisso a garantia de sentido e pertencimento ao mundo. Posto está, então, que a beleza salvará, em primeiro lugar, o homem e o mundo da disrupção.” (Arielo, 2019, p. 116). O pós-moderno subsiste da disrupção, é este o seu motor e razão de ser, ela vive da oposição à tradição, e se assim o é, ela vive de buscar o novo que pode ser tanto uma mina de pedras preciosas, quanto ao mesmo tempo uma pilha de lixo descartável, como uma roda da fortuna.

“Mesmo Scruton revela que o primeiro levante de movimentos modernos [...] é autêntico e digno de relevância artística, conceitual e estética. O real problema foi instaurado por grupos dissidentes que, deliberadamente, instituíram o kitsch como regra [...]” (Arielo, 2019, p. 116). A disrupção foi evoluindo e produziu o kitsch, que é o ápice da degradação estética. “Toda e qualquer tentativa de continuar a tradição figurativa culminaria inevitavelmente no kitsch, isto é, numa arte sem nenhuma mensagem própria, na qual todos os efeitos seriam copiados e todas as emoções, falsificadas.” (Scruton, 2015a, p. 199). O kitsch é a artificial manipulação de uma arte já produzida,

de algo já utilizado, comercializado e reproduzido para a massa, no sentido de ser palatável a todos os públicos, como o fenômeno dos anões de jardim, dos budas e na arte dos museus o urinou do Duchamp.

Destes artistas de primeira onda Arielo os categoriza como sendo “[...]Cézanne, Picasso e Van Gogh [...]” (2019, p. 116) e na segunda onda “[...] Duchamp e Warhol, por exemplo.” (2019, p. 116). O ideal inicial, que pode ser visto como válido se perdeu (não se prender ao que se fez, mas encontrar algo que seja diferente), na medida em que o conceito de disrupção foi sendo mais e mais levado a cabo até as suas últimas consequências.

“Em segundo lugar a beleza salvará o mundo do niilismo.” (Arielo, 2019, p. 118), Scruton identifica na beleza a chave para a salvação do niilismo, encontrando um paralelismo entre os dois conceitos: “O kitsch está para a arte como o niilismo está para a filosofia, por isso, para Scruton, a saída pela beleza livraria o homem desse desvio estético.” (Arielo, 2019, p. 119), assim, a salvação da crise de sentido, de princípios e valores do mundo atual advinda do niilismo está na própria adesão à beleza.

Por fim, a beleza o salvará da descrença, como já foi tratado e esclarecido na seção do “3.1 sagrado” a fé é imprescindível para a filosofia de Scruton, ainda mais por ser essa a sua posição, como um crente “Em terceiro lugar, a beleza salvará o homem de sua falta de fé e negação da religião.” (Arielo, 2019, p. 119).

“A lamentação pela perda da fé, por Arnold, é constatada por Sir Roger como uma profunda derrota de um mundo que um dia viveu amparado pela piedade e pela beleza inerentes ao mundo religioso.” (Arielo, 2019, p. 121). A beleza e o religioso estão intrinsecamente conectados, não somente por ser a beleza uma das categorias de Deus (A suma beleza), mas também por ser uma profundamente dependente da outra, em qualquer forma de beleza, a moral ou estética.

“É saudável e bom para os filósofos, poetas e teólogos voltar-se para a beleza em sua forma mais elevada. No entanto, para a maioria de nós é muito mais importante alcançar ordem nas coisas que nos circundam [...]” (Scruton, 2015a, p. 22). A beleza salvará a casta da intelectualidade. O intelecto é salvo pela beleza através da formação de um imaginário dotado de referências e imagens que possam se referir a objetos reais, não abstrações conceituais informes, que aportem a ideia filosófica, a abstração, o verossímil etc.

CONCLUSÃO

“O leitor terá percebido que em nenhum momento afirmei o que a beleza é.” (Scruton, 2015a, p. 205) Assim conclui Sir Roger Scruton *Beleza*, entendendo que assim como todos os outros universais, a beleza é o tipo de conceito que sobre o qual se pode falar tudo sem se dizer nada, inesgotável e extensão e forma, e assim sendo não se resume a uma definição taxativa e limitante, mas incorpora a diversas perspectivas do cubo e as articula para formar um todo: “O intuito do debate de Sir Roger sobre a essência da beleza [...] procurou esclarecer isso: a beleza está para além da ordem física do mundo, pois ela o transcende.” (Arielo, 2019, p. 126). E creio ainda que nem seja a pretensão de Scruton ter definido a beleza, uma vez que tão somente defini-lo de qualquer modo não resolve o problema, uma vez que o fenômeno real está aí, dado na realidade, e assim dedica seus esforços em confrontar a fuga da beleza no mundo contemporâneo.

“A beleza está sumindo de nosso mundo porque vivemos como se ela não importasse, e nós vivemos dessa forma porque perdemos o hábito do sacrifício e buscamos sempre evitá-lo. A falsa arte de nosso tempo, atolada como está no kitsch e na dessacralização, dá sinais disso.” (Scruton, 2015a, p. 204). A fuga da beleza se demonstra uma consequência lógica e imediata do ser humano decaído que não consegue se deparar com a perspectiva do julgamento, isto é, o deparar-se com a grandeza que a beleza por si mesma evoca e clama, o belo eleva, a feiura iguala e decai. A dessacralização entra nesse sentido, na medida em que aquilo que me condena só deixará de me condenar uma vez que eu o destruir, nisto consiste a fuga da beleza, nisto consiste os seus detratores.

Esta arte vazia de profundidade da forma é incapaz de engrandecer o ser-humano, os parâmetros são rebaixados e falseados, o que retorna novamente ao homem como referencial e entrega para o homem comum nenhuma expectativa por grandeza na vida humana, não atoa sabe-se que as vacas produzem mais lente ao serem submetidas à música de Beethoven.

No ato concreto da vida vale a tese defendida no tópico 1.3 do primeiro capítulo, *a beleza cotidiana*, abordar a vida como que captando e vivendo a beleza nos detalhes, no cuidado consigo, no preparar a mesa, visando a ordem, o cuidado e a bela forma, o que transmitirá a paz e a tranquilidade necessárias para o dia, tal qual o sol que sabe majestoso sempre da mesma forma e no mesmo horário a cada manhã. “O cuidado para com os detalhes e a disposição dos elementos em cada gesto e obra é o que diferencia a beleza da feiura.” (Arielo, 2019, p. 126)

E daí a resposta, como suprir a crise de sentido na vida de tantos homens e mulheres perdidos em suas perspectivas, a beleza pode salvá-los. Pois em meio ao drama moderno a fuga está sendo posta em prática em todos os lados para se olha, porém o belo se mostrará e poderá alimentar os corações feridos com a esperança. No fim a *via pulchritudis* é o caminho mais certo para a salvação do homem contemporâneo, para retornar à beleza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIELO, Flávia Santos. **Em defesa da beleza: O sagrado e a filosofia da beleza de Roger Scruton**. Orientador: Prof. Dr. Wagner Sanchez Lopes. 2019. 145 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência da religião, pontifícia universidade católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

BENTO XVI. **Vatican**, 2008. serviço que contém o Magistério Pontifício e as informações institucionais da Sé Apostólica. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/pont-messages/2008/documents/hf_ben-xvi_mes_20081124_ravasi.html. Acesso em: 30 nov 2023.

BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução de Marcos Antônio Mendes. 208ª Edição. São Paulo - SP: Editora Ave Maria, 2016.

Conselho Pontifício para a Cultura. **O Via Pulchritudinis, Caminho Privilegiado para a Evangelização e o Diálogo**, São Paulo, Edições Loyola, 2007.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica “Fides et Ratio”**. São Paulo: É Realizações, 2015.

KANT, I. **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução Valério Rohden e Antonio Marques. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

MARX, K.; ENGELS, F.; **Manifesto Comunista**. Trad. Álvaro Pina. Introdução e organização de Oswaldo Coggiola. São Paulo: Boitempo, 2002.

OTTO, Rudolf. **O Sagrado**. São Paulo: Vozes, 2007.

SCRUTON. **Why Beauty matters** [Documentário]. Direção de Roger Scruton. Inglaterra, 2009, 59 min., colo. Son.

SCRUTON, Roger. **Beleza**. São Paulo: É Realizações, 2015a.

SCRUTON, Roger. **O Rosto de Deus**. São Paulo: É Realizações, 2015b.

SCRUTON, Roger. **A Alma do Mundo. A experiência do sagrado contra o ataque dos ateísmos contemporâneos**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

STEINER, Wendy. Venus in Exile. **Ícone: Revista Brasileira de História da Arte**, [S. l.], v. 1, n. 1, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/icone/article/view/54823>. Acesso em: 30 nov. 2023.